

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



O PAPEL DAS CONCEÇÕES PESSOAIS NO CIÚME

Cláudia Sofia Sebastião da Silva

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa

2021

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



O PAPEL DAS CONCEÇÕES PESSOAIS NO CIÚME

Cláudia Sofia Sebastião da Silva

Dissertação orientada pelo Professor Doutor João Manuel Moreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa

2021

Agradecimentos

Antes de mais, gostaria de agradecer ao meu orientador o Professor Doutor João Manuel Moreira por ter aceitado orientar a minha primeira investigação de raiz! Sem a sua paciência infindável para as minhas questões e sem os seus sábios conselhos esta investigação nunca teria sido possível.

Agradeço aos meus pais, sem dúvida as pessoas mais importantes da minha vida, por tudo. Obrigada por terem sempre acreditado em mim, mesmo nos momentos em que nem eu acreditava. À minha mãe, que é, sem sombra de dúvida, a melhor mãe do mundo. Obrigada pelos longos passeios de carro até eu sentir que era capaz de ultrapassar tudo e por me fazeres sentir que eu podia fazer tudo o que eu quisesse, bastava vontade e dedicação. Ao meu pai, que esteve sempre presente com um sorriso e uma piada pronta para melhorar o meu dia. Obrigada aos dois pelos abraços bons e pelo apoio incondicional. Sem vocês nada disto seria possível!

Agradeço ao meu namorado pelo carinho, dedicação, companheirismo e amor. Obrigada pela infindável paciência e pelas longas conversas de motivação. Obrigada por, não só me teres dito que iria ficar tudo bem, como me teres mostrado que iria ficar tudo bem.

Agradeço também ao meu maninho por todo o apoio durante esta jornada, e ao seu sentido de humor muitíssimo apurado. És o maior!

Obrigada os meus avôs, tanto maternos como paternos, pelo seu amor e apoio. Um particular agradecimento à minha estrelinha mais brilhante no céu. Durante todo este percurso, não houve um único dia em que não pensasse em ti, avô Garcia. De alguma forma, sei que estiveste sempre presente, senti-o. Tenho muitas, mas mesmo muitas, saudades tuas.

Agradeço à minha restante família mais próxima, à Nanda, à Sónia, à Lia, à Yara, e muitas outras pessoas que fizeram com que o caminho a percorrer fosse menos tempestuoso.

Obrigada aos meus amigos, particularmente à minha Mariana, por terem estado sempre presentes com uma palavra amiga. Pelas longas conversas, pela motivação, pelo carinho e pelo apoio.

Gostaria de agradecer à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa por me ter acolhido durante os últimos anos.

Por fim, mas definitivamente não menos importante, um grande agradecimento a todos os que participaram neste estudo e fizeram com que ele fosse possível.

Resumo

O ciúme é um misto de emoções poderoso, que atormenta muitas relações românticas. Devido às suas potenciais consequências negativas, este tem sido um construto que tem sido estudado pela psicologia. Ainda assim, a ciência ainda tem um longo caminho a percorrer para compreender todas as esferas do ciúme.

Os objetivos do presente estudo são compreender em que medida as concepções pessoais, operacionalizadas pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade, influenciam o ciúme e, através dele, a qualidade da relação, operacionalizada pelo modelo do investimento. Adicionalmente, procurou-se conhecer a influência, sobre estas variáveis, do estilo de vinculação e do valor percebido do próprio e do parceiro enquanto parceiros. Para o efeito, foi realizado um estudo quantitativo, utilizando questionários de autorrelato, numa amostra de 145 participantes com idade superior a 18 anos e envolvidos numa relação romântica.

Os resultados indicam que a faceta mais extrínseca das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade está relacionada a uma experiência maior do ciúme (em todas as suas esferas), enquanto a vertente intrínseca dessas motivações está relacionada a menos ciúme cognitivo e comportamental. O valor percebido do próprio e do parceiro enquanto parceiros parecem estar ligados à percepção de motivações intrínsecas, e isso faz com que o ciúme seja menor. Quanto aos estilos de vinculação, tanto a evitação como a preocupação apresentam efeitos sobre o ciúme, mediados positivamente pelas motivações extrínsecas e negativamente pelas motivações intrínsecas. A evitação parece estar associada a mais ciúme cognitivo e comportamental e menos ciúme emocional, enquanto a preocupação está associada a mais experiência do ciúme em todas as suas vertentes. Enquanto o ciúme cognitivo é preditor de menos qualidade das relações, o ciúme emocional é preditor de mais. Este estudo comprova a importância das concepções pessoais como variáveis mediadoras no domínio do ciúme e seus efeitos.

Palavras-chave: ciúme, concepções pessoais, modelo do investimento, motivação, estilo de vinculação, valor enquanto parceiro, satisfação na relação

Abstract

Jealousy is a very powerful combination of emotions that afflicts many romantic relationships. Due to its potential negative consequences, this construct has already been studied by psychology. However, science still has a long way to go in order to understand all aspects of jealousy.

The aims of this study were to understand to what extent personal conceptions, operationalised by perceived partner's motivations for fidelity, influence jealousy and, through it, the quality of the relationship, operationalised by the investment model. In addition, it aimed to examine the influence of attachment style and perceived mate value of self and partner on these variables. For this purpose, a quantitative study was carried out, using self-report questionnaires with a sample of 145 participants aged over 18 and in a romantic relationship.

The results indicate that the extrinsic facet of perceived partner motivations for fidelity is related to a greater experience of jealousy (in all its aspects), while the intrinsic facet of these motivations is related to less cognitive and behavioural jealousy. Perceived mate value of self and partner seem to be linked to perceived partner intrinsic motivation for fidelity, and this seems to lead to less jealousy. As for attachment styles, both avoidance and anxiety show effects on jealousy, mediated positively by extrinsic motivations and negatively by intrinsic motivations. Avoidance is associated with more cognitive and behavioural jealousy and less emotional jealousy, whereas anxiety is associated with more experience of jealousy in all its aspects. While cognitive jealousy seems to predict lower quality in the relationship, emotional jealousy seems to predict higher quality. This study shows the importance of personal conceptions as mediating variables in the domain of jealousy and its effects.

Keywords: jealousy, personal conceptions, investment model, motivation, attachment style, mate value, relationship satisfaction

Índice Geral

| | |
|--|-----------|
| 1. Introdução | 1 |
| <i>1.1. O ciúme</i> | <i>1</i> |
| 1.1.1. Ciúme normativo vs. patológico | 3 |
| 1.1.2. Abordagem multidimensional do ciúme | 4 |
| 1.1.3. Perceção de ameaça | 5 |
| 1.1.4. Diferenças entre sexos | 7 |
| <i>1.2. O modelo do investimento</i> | <i>8</i> |
| 1.2.1. Satisfação com a relação | 9 |
| 1.2.2. Qualidade das alternativas..... | 10 |
| 1.2.3. Investimento..... | 11 |
| 1.2.4. Compromisso | 11 |
| <i>1.3. Valor enquanto parceiro</i> | <i>12</i> |
| <i>1.4. Vinculação.....</i> | <i>15</i> |
| 1.4.1. Estilos de vinculação..... | 17 |
| 1.4.2. Modelos de funcionamento interno..... | 19 |
| 1.4.3. Vinculação, relações românticas e ciúme | 20 |
| <i>1.5. Concepções pessoais</i> | <i>22</i> |
| 1.5.1. Motivações do parceiro para a fidelidade | 25 |
| <i>1.6. Hipóteses</i> | <i>26</i> |
| 2. Metodologia | 27 |
| 2.1. Participantes | 27 |
| 2.2. Instrumentos | 28 |
| 2.2.1. Questionário sociodemográfico | 28 |
| 2.2.2. Experiências em Relações Próximas..... | 28 |
| 2.2.3. Escala de Valor Enquanto Parceiro..... | 29 |
| 2.2.4. Questionário Multidimensional de Comportamentos Extrarrelacionais – secção F..... | 31 |
| 2.2.5. Escala Multidimensional do Ciúme | 34 |
| 2.2.6. Escala do Modelo de Investimento | 37 |
| 2.3. Procedimentos..... | 38 |
| 2.4. Análise Estatística | 39 |
| 3. Resultados..... | 41 |
| 4. Discussão..... | 47 |
| 4.1. Limitações e futuras direções..... | 53 |
| 4.3. Implicações Clínicas | 55 |
| 5. Bibliografia | 57 |
| Anexos..... | 58 |

Índice de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1. Gráfico dos valores próprios referente à Escala do Valor Enquanto Parceiro | 30 |
| Figura 2. Gráfico dos valores próprios referente à Escala das Motivações Percebidas do Parceiro para a Fidelidade | 32 |
| Figura 3. Gráfico dos valores próprios referente à Escala Multidimensional do Ciúme | 35 |
| Figura 4. Modelo de equações estruturais dos efeitos das conceções pessoais sobre o ciúme | 41 |
| Figura 5. Modelo de equações estruturais do efeito dos estilos de vinculação no ciúme, mediado pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade | 42 |
| Figura 6. Modelo de equações estruturais do efeito do valor do próprio e do parceiro no ciúme, mediado pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade | 44 |
| Figura 7. Modelo de equações estruturais do efeito do ciúme no modelo do investimento | 46 |

Índice de Quadros

| | |
|--|----|
| Quadro 1. Saturação dos itens da escala do Valor Enquanto Parceiro do próprio e do parceiro nos fatores..... | 30 |
| Quadro 2: <i>Saturação dos itens da Escala das Motivações Percebidas do Parceiro para a Fidelidade</i> | 33 |
| Quadro 3: <i>Saturação dos itens da Escala Multidimensional do Ciúme nos fatores</i> | 36 |

Índice de Anexos

Anexo I: Pedido de Participação

Anexo II: Consentimento Informado

1. Introdução

1.1. O ciúme

O ciúme é um misto de emoções (Fitness & Fletcher, 1993) muito poderoso que atormenta muitas, senão todas, as relações românticas (Buss, 2018). É, portanto, um dos problemas mais sérios encontrados nos relacionamentos românticos (Leahy & Tirch, 2008). Apesar de ser algo que subsiste em todas as culturas desde a antiguidade, a sua experiência é algo que varia de pessoa para pessoa, de situação para situação e de cultura para cultura (White, 1981).

Ainda que possam existir alguns benefícios associados, na sua generalidade, o ciúme está relacionado a uma série de resultados relacionais negativos, como o conflito nas relações, a violência doméstica, o divórcio (Buss, 2018) e, até mesmo, o homicídio (Sheets et al., 1997). Para além das consequências relacionais, estão também envolvidas consequências do foro psicológico, como a ansiedade e a depressão (Leahy & Tirch, 2008). É exatamente por isto que o seu estudo é tão importante. É imperativo o aprofundamento do conhecimento sobre o ciúme e as suas motivações para que, no futuro, através de intervenção terapêutica, seja possível prevenir algumas das suas possíveis consequências mais desastrosas.

Huelsnitz, Farrell, Simpson, Griskevicius e Szepeswol (2018) consideram que o ciúme é um processo dinâmico e interpessoal, visto que os comportamentos do parceiro são fundamentais para um entendimento total da reação do indivíduo a uma situação de indução de ciúmes. Assim, o ciúme romântico pode ser definido como uma variedade de pensamentos, sentimentos e comportamentos que são percebidos como ameaças à existência ou à qualidade do relacionamento. Essas ameaças são geradas pela percepção de uma atração romântica real ou potencial entre o parceiro e um rival (real ou imaginário; White, 1981). Alguns teóricos consideram que o ciúme não é uma emoção só, mas sim uma mistura complexa de emoções básicas, como raiva, medo e tristeza (Fitness & Fletcher, 1993)

O ciúme pode nem sempre ser disfuncional e pode, inclusivamente, ter uma função importante no sucesso do relacionamento, visto que motiva o indivíduo a afastar os rivais, aumentar a vigilância e/ou prestar mais atenção ao parceiro. Outro benefício percebido do ciúme é a comunicação do compromisso ao parceiro, que pode ser importante na

manutenção da relação (Buss, 2000). Quando o ciúme antecipa uma traição, pode permitir que o indivíduo consiga prevenir que a traição ocorra e acabar por estabilizar a relação, levando a uma maior longevidade da mesma (Sheets et al., 1997).

É também comum o ciúme ser utilizado de forma consciente na tentativa de melhoria do relacionamento. A suscitação consciente de ciúme romântico é um processo comportamental estratégico para provocar ciúme ao parceiro, com a finalidade de atingir um objetivo específico. Este processo envolve, propositadamente, a suscitação de pensamentos, sentimentos e comportamentos no parceiro, tornando o mesmo ciente de uma potencial ameaça à sua autoestima ou à qualidade da relação, consciencializando-o de uma potencial atração por um rival (Mattingly et al., 2012). Algo fundamental é o quão comprometido o indivíduo acredita que o seu parceiro esteja na relação. Quando o indivíduo acredita que o seu parceiro está menos comprometido na relação, pode sentir maior incerteza relacional e criar a motivação para a suscitação consciente do ciúme (Pytlak et al., 2015). A motivação para este tipo de comportamentos prende-se, possivelmente, ao facto de que o próprio indivíduo já experiencia ciúmes a priori, tem um estilo de vinculação inseguro e está insatisfeito com a relação (Mattingly et al., 2012).

White (1980) sugeriu que o ciúme, por si só, não é o fim desejado na suscitação consciente do ciúme. Em vez disso, é sugerido que a suscitação do ciúme é uma estratégia indireta para igualizar o poder nas relações românticas. Esta perspetiva implica que a suscitação consciente do ciúme não é impulsionada apenas por motivos situacionais particulares, mas também por características relacionais ou disposicionais dos parceiros (Sheets et al., 1997).

Ainda que o ciúme moderado possa fortalecer o compromisso, o ciúme excessivo tem muitos efeitos negativos na relação (Buss, 2000). Assim, o ciúme pode tornar-se patológico, com sérias consequências, quando a capacidade de controlá-lo é perdida (Martínez-León et al., 2017), e é considerado o principal motivo de violência e homicídio conjugais (Sheets et al., 1997).

1.1.1. Ciúme normativo vs. patológico

Os indivíduos sentem geralmente fortes emoções negativas quando experienciam ciúmes. Estas emoções podem ter efeitos duradouros e negativos sobre as pessoas, bem como sobre as suas relações românticas (Huelsenitz et al., 2018). À experiência do ciúme romântico estão associadas consequências relacionais negativas (e.g., divórcio, violência doméstica e insatisfação relacional). Ainda assim, o ciúme também pode indicar que existe uma preocupação e valorização da relação suficiente para querer preservá-la e protegê-la (Knobloch, Solomon, & Cruz, 2001).

Ao passo que o ciúme normativo é uma resposta à perceção de uma ameaça real e envolve angústia normativa e comportamentos de proteção para salvaguardar a relação amorosa, o ciúme patológico envolve ameaças imaginárias, com suspeitas paranoides, uma angústia emocional muito elevada e comportamentos de deteção muito frequentes (Pfeiffer & Wong, 1989). No ciúme patológico, as emoções predominantes são raiva, vergonha, insegurança, humilhação, perplexidade, culpa, aumento do desejo sexual e desejo de retaliação (Almeida et al., 2008).

O ciúme pode ser considerado patológico quando a perceção e julgamento do indivíduo estão comprometidos. A preocupação no ciúme patológico prende-se à infidelidade sexual e emocional de um parceiro, persistindo na ausência de evidências confirmatórias e na presença de garantias de fidelidade repetidas. A pessoa angustiada tende a tirar conclusões precipitadas, tomar decisões impulsivas com base em evidências limitadas, a criar fantasias irracionais e a atribuir significados infundados a eventos neutros (Seeman, 2016). É comum existirem preocupações, pensamentos e rumações excessivas sobre relacionamentos anteriores e sobre o passado do parceiro (Cavalcante, 1997). Este tipo de ciúme, muitas vezes, perturba o funcionamento de ambos os membros do casal, bem como da própria relação (De Silva, 1997). É, por isso, significativo, uma vez que causa sofrimento ao indivíduo e ao parceiro, mas também porque pode levar à violência contra si mesmo, contra o parceiro ou contra o rival percecionado. Por norma, no ciúme patológico existe um grande anseio de controlo total dos sentimentos e comportamentos do parceiro (Kingham & Gordon, 2004).

1.1.2. Abordagem multidimensional do ciúme

Como foi referido acima, devido à importância que o ciúme tem e à gravidade das suas possíveis consequências, tem-se tornado alvo de estudo por parte da psicologia há vários anos. Os autores Pfeiffer e Wong (1989) conceptualizaram o ciúme enquanto construto multidimensional. Este é um modelo interativo, em que as cognições, emoções e comportamentos ocorrem em simultâneo e têm interações entre si. Todos estes componentes do ciúme estão presentes no ciúme normativo e no ciúme patológico. Assim, esta abordagem confere ao ciúme três grandes dimensões: cognitiva, emocional e comportamental (Pfeiffer & Wong, 1989).

Foi teorizado que, na maioria das vezes, o ciúme emocional surge na sequência de uma avaliação cognitiva de uma ameaça. Contudo, o ciúme emocional também pode ocorrer enquanto resposta condicionada a um certo estímulo (e.g., uma mulher divorciada pode sentir ciúmes do ex-marido mesmo que já tenha um novo companheiro e seja muito feliz com ele; Pfeiffer & Wong, 1989). A componente cognitiva do ciúme ocorre quando o indivíduo se torna consciente da ameaça percebida à relação que valoriza, isto é, é relativa às ruminatórias e pensamentos que advêm da perceção de ameaça. Esta ameaça pode ser verdadeira ou podem ser suspeitas e preocupações paranoides de uma possível infidelidade do parceiro, sem que haja alguma situação ou pista concreta para desencadear este tipo de pensamentos (Tošić-Radev & Hedrih, 2017).

O ciúme emocional é determinado pelo nível de angústia que a pessoa que experiencia ciúmes sofre (White & Mullen, 1989). Enquanto o ciúme cognitivo representa a falta de confiança no compromisso do parceiro, o ciúme emocional inclui uma reação afetiva a essas situações (Tošić-Radev & Hedrih, 2017). Pfeiffer e Wong (1989) acreditam que o ciúme vai para além da esfera racional, uma vez que é possível sentir ciúmes de alguém com quem o indivíduo não mantém uma relação.

O ciúme comportamental, por sua vez, é definido como as estratégias – cognitivas e/ou comportamentais – utilizadas para lidar com a angústia emocional. Os autores Pfeiffer e Wong (1989) referem a conceptualização destes comportamentos como de “deteção/proteção”. Os comportamentos de deteção passam por comportamentos em que o indivíduo procura pistas da infidelidade do parceiro, através de interrogatórios, acusações verbais ou da investigação ativa nos pertences do parceiro. Estes comportamentos de deteção podem, inclusive, chegar à contratação de um detetive particular para espiar o parceiro. As estratégias de proteção consistem em intervenções

(e.g., intervir nas conversas entre o parceiro e a pessoa que considera ser uma ameaça) para garantir que não existe intimidade entre o parceiro e a pessoa que se considera rival (Pfeiffer & Wong, 1989). Ainda que a maioria dos comportamentos seja diretamente baseado na ira, existem estratégias comportamentais relacionadas com uma maior dependência, aumento nas demonstrações de carinho e aumento da exigência de atividade sexual (De Silva, 1997). Tanto o ciúme cognitivo como o emocional manifestam-se na experiência interna de um indivíduo, ao contrário do aspeto comportamental do ciúme, que se refere à maneira como as pessoas expressam o ciúme com as suas ações (Guerrero & Andersen, 1998).

1.1.3. Perceção de ameaça

No ciúme existe o medo de perder o parceiro ou a sua afeição, seja através infidelidade sexual ou de outras atividades que o indivíduo considere sinais de ameaça de uma perda futura (De Silva, 1997). As ameaças podem ser provenientes de uma situação momentânea e circunscrita no tempo, como, por exemplo, quando o parceiro faz comentários sobre a boa aparência de outra pessoa, ou podem ser crónicas para o relacionamento, como quando o parceiro refere frequentemente que está infeliz com o atual relacionamento (White, 1981). Rivais com alta classificação em domínios percebidos como relevantes são considerados rivais mais ameaçadores (e.g., a atratividade do rival é mais ameaçadora para as pessoas que veem a atratividade como um domínio importante na sua relação; Salovey & Rothman, 1991).

Diferenças culturais, subculturais ou pessoais podem levar a diferentes tipos de perceção de ameaça (De Silva, 1997). As orientações normativas são imagens culturais ou subculturais idealizadas da natureza da relação, enquanto as orientações cognitivas são as crenças, os valores e as orientações gerais dos indivíduos que estão na relação. Tanto as orientações normativas como as cognitivas influenciam distintamente como um indivíduo define a relação, conseqüentemente influenciando a forma como percebe o comportamento do parceiro (Hansen, 1985). Enquanto um indivíduo pode sentir que convidar um membro do sexo oposto para um encontro amigável é um comportamento perfeitamente aceitável, o seu parceiro pode considerar que isso é algo desadequado (De Silva, 1997; Viegas & Moreira, 2013).

White e Mullen (1989) referem que as ameaças podem ter dois alvos: ameaça a si mesmo ou ameaça à relação. Enquanto ameaças pessoais incluem ameaças à autoestima ou a um aspeto valorizado de si mesmo, as ameaças à relação são específicas aos investimentos feitos na mesma. Pessoas que perceberam uma maior ameaça a si e ao relacionamento relataram mais ciúme do que as pessoas que perceberam apenas um destes tipos de ameaça (DeSteno & Salovey, 1996; Sharpsteen, 1995).

Desentendimentos sobre os domínios de exclusividade são também um problema relevante relacionado com o ciúme. Este domínio costuma ser discutido e, muitas vezes, resolvido no início do relacionamento, através do estabelecimento de limites confortáveis para ambas as partes da relação. Nalguns casos, a discordância em relação à exclusividade torna-se a principal causa do ciúme e leva a uma angústia considerável (De Silva, 1997). Pressupostos sobre a exclusividade do casal podem levar o indivíduo a interpretar certos comportamentos como violações desses pressupostos e, eventualmente, temer perder o afeto do parceiro (Kurupparachchi & Seneviratne, 2011).

Outro fator relevante é o de prioridade. Um parceiro pode ser muito sensível à prioridade que acredita que deveria ter na vida do companheiro. As noções de prioridade são sobretudo determinadas culturalmente, ainda que seja comum que, dentro da mesma cultura, haja diferenças no grau em que se adere às regras estipuladas pela mesma. Violações de prioridade na relação podem levar a reações de ciúme por parte do parceiro que se sente desvalorizado. Ou seja, não são os atos em si que causam angústia, mas sim a percepção de perda de prioridade (De Silva, 1997).

O estudo de Viegas e Moreira (2013) revela que existe uma maior penalização para o envolvimento sexual em comparação com o envolvimento afetivo, sendo que há a agravante quando este é continuado, ou seja, quando acontece mais do que uma vez e não é circunscrito no tempo. Os autores referem ainda que indivíduos mais jovens, mais religiosos e com crenças políticas mais à direita tendem a penalizar mais o envolvimento afetivo e o sexual, o comportamento inocente e o consentimento por parte do parceiro, em relação a indivíduos mais velhos, menos religiosos e com crenças políticas mais à esquerda.

Guerrero e Andersen (1998) teorizaram a existência de seis motivos relacionados ao ciúme que podem ser intensificados após uma ameaça percebida, sendo estes: preservação da relação e da autoestima, redução da incerteza quanto à relação e ao rival, reavaliação da relação e restauro da relação através da retaliação.

1.1.4. Diferenças entre sexos

A teoria evolutiva chamou a atenção para algumas diferenças na forma como o sexo feminino e masculino percebem o ciúme, devido aos diferentes problemas adaptativos com que se deparam nos relacionamentos românticos e na reprodução. Os estudos transculturais que exploram as diferenças de gênero têm sido consistentes com a explicação evolutiva do ciúme, embora a extensão da angústia varie entre as culturas (Zandbergen & Brown, 2015).

A abordagem evolutiva refere que o facto de a fertilização ocorrer internamente nas mulheres significa que, ao longo da história evolutiva humana, os homens enfrentaram um problema adaptativo profundo que não foi enfrentado pelas mulheres: a incerteza na paternidade dos filhos (Buunk et al., 1996). Consequentemente, prevê-se que o sexo masculino seja mais afetado pelos componentes sexuais da infidelidade (Bendixen et al., 2015). Esta abordagem explica que a infidelidade sexual seria prejudicial para os homens uma vez que arriscariam perder o investimento (e.g., tempo e energia) na relação presente e a possibilidade de ter cortejado outra mulher, bem como o investimento de recursos na criança do rival em vez de os canalizar para uma criança sua (Buunk et al., 1996).

Por outro lado, uma vez que a incerteza da maternidade devido à infidelidade não é um problema para o sexo feminino, a mulher sente-se mais ameaçada com o potencial risco do desvio de tempo, atenção, energia, esforço e recursos do parceiro. Desta forma, é possível postular que mulheres têm características de ciúme mais fortemente ativado por pistas de infidelidade emocional (Bendixen et al., 2015).

De acordo com a teoria cognitiva social, as diferenças de gênero no comportamento humano devem-se à influência da socialização nos papéis masculino e feminino. O determinante proximal do comportamento caracterizado pelo gênero é o sistema de crenças socialmente adquirido pela pessoa. Assim como a teoria evolutiva, a teoria cognitiva social também apresenta uma diferença entre gêneros, referindo que os homens apresentam maiores níveis de ciúme sexual do que as mulheres e que as mulheres apresentam maiores níveis de ciúme emocional do que os homens. Contudo, a teoria cognitiva social não aceita que essas diferenças sexuais tenham sido adquiridas com a evolução. Estas diferenças são explicadas por esta abordagem como sendo o resultado de crenças socialmente adquiridas sobre os gêneros, sobre ciúme e relacionamentos românticos (Ward & Voracek, 2004). Os homens acreditam que, para as mulheres, ter relações sexuais implica estar apaixonada (Harris & Christenfeld, 1996). Isto significa

que, para os homens, quando existe infidelidade sexual da parte da mulher, também existe infidelidade emocional, uma vez que elas não se envolveriam sexualmente com outro parceiro sem haver envolvimento emocional, e por isso a situação é mais grave. Por sua vez, as mulheres acreditam que, para os homens, as relações sexuais não estão necessariamente relacionadas a sentimentos (Harris & Christenfeld, 1996). A infidelidade emocional, para as mulheres, é mais grave visto que, para haver infidelidade emocional, existe o pressuposto de que também já existiu infidelidade sexual, uma vez que ter relações sexuais, para os homens, não implica necessariamente sentimentos, mas quando o patamar dos sentimentos foi alcançado, é porque já existe infidelidade sexual. Desta forma, a teoria cognitiva social postula que o principal agente causal destas diferenças de gênero é a crença das mulheres de que os homens podem ter relações sexuais sem amor (Ward & Voracek, 2004).

Apesar disto, estudos recentes demonstram que esta diferença entre gêneros pode não ser tão acentuada quanto as abordagens evolutiva e cognitiva apresentam. O estudo de DeSteno, Bartlett, Braverman e Salovey (2002) teve resultados surpreendentes. Apenas nos índices de medida de escolha forçada houve diferenças nos resultados apresentados pelo sexo feminino e masculino. A diferença só surgiu quando os indivíduos foram forçados a considerar os dois eventos de infidelidade (sexual vs. emocional) em oposição um ao outro e quando têm amplos recursos cognitivos para dedicar a este processo de decisão. Porém, quando precisam tomar uma decisão rápida, mulheres e homens apresentam padrões de aversão indistinguíveis. Nos índices que medem o sofrimento simples e/ou o ciúme, as respostas obtidas foram similares, não apresentando diferenças significativas. Ao contrário do que as abordagens evolutiva e cognitiva hipotetizam, tanto homens quanto mulheres pareciam sentir mais angústia em resposta à infidelidade sexual em comparação com a emocional. Contudo, é importante ressaltar que o ciúme é algo que varia de pessoa para pessoa, de situação para situação e de cultura para cultura (White, 1981).

1.2. O modelo do investimento

O ciúme parece ter um impacto considerável sobre a qualidade das relações (Bevan, 2008). Ainda que a maior parte da atenção dos acadêmicos, até agora, tenha recaído na relação entre a satisfação com a relação e o ciúme, o compromisso também parece ser relevante no estudo do ciúme. O modelo do investimento é particularmente útil para

ajudar a prever a estabilidade e continuidade da relação através do compromisso e dos fatores que o afetam. Assim, no presente estudo, a qualidade das relações foi operacionalizada através da escala do Modelo do Investimento. Importa mencionar, no entanto, que a literatura sobre o impacto do ciúme nas variáveis do modelo do investimento ainda está pouco desenvolvida, focando-se os autores mais no impacto da qualidade das relações no ciúme do que no efeito contrário. Por isso, ainda que a presente investigação se foque no impacto do ciúme na qualidade das relações, estudos mostrando um impacto no sentido contrário também serão abordados nesta revisão de literatura.

O modelo de investimento foi originalmente desenvolvido por Caryl Rusbult (1980) baseado na teoria da interdependência (Kelley & Thibaut, 1978). O presente modelo postula que o compromisso é influenciado por três fatores independentes: o nível de satisfação com a relação, a qualidade das alternativas e o investimento passado (Rusbult et al., 2011). Os indivíduos sentem-se mais satisfeitos com as suas relações quando estas fornecem altas recompensas (e.g., um parceiro fisicamente atraente), envolvem baixos custos (e.g., poucas discussões) e superam o nível de comparação ou as expectativas quanto à qualidade das relações íntimas (Rusbult et al., 1986).

Desta forma, os relacionamentos persistem não só devido às qualidades positivas percebidas dos parceiros envolvidos na relação (*satisfação na relação*), mas também por causa dos laços que os unem (*investimento na relação*) e à ausência de uma melhor alternativa para além da relação com o atual parceiro (*qualidade das alternativas*; Rusbult et al., 2011).

Sistematizando, o modelo do investimento afirma que o compromisso é maior quando o nível de satisfação na relação é alto, as alternativas são fracas e o grau de investimento é grande (Rusbult et al., 1986).

1.2.1. Satisfação com a relação

O nível de satisfação descreve o grau em que um indivíduo experiencia afeto positivo versus negativo, como resultado do envolvimento com o seu parceiro (Rusbult et al., 2006). É influenciado pela forma como o parceiro é capaz de atender às necessidades mais importantes do indivíduo (Rusbult et al., 1986). Estas necessidades podem ser de intimidade, sexualidade, proteção, envolvimento emocional, etc. (Leal, 2009).

A construção da satisfação vem diretamente da teoria da interdependência (Kelley & Thibaut, 1978), em que as recompensas e os custos associados a uma relação são

ponderados de modo a avaliar o nível geral de proveitos de uma relação, sejam eles positivos ou negativos. Estes são comparados com as expectativas do indivíduo e, caso excedam as expectativas, a pessoa está satisfeita com a relação. Contudo, se os benefícios ficarem aquém das expectativas, surge a insatisfação (Etcheverry et al., 2013). Assim, o modelo do investimento afirma que um valor de recompensa maior e um valor de custo menor devem induzir uma maior satisfação com a relação (Rusbult et al., 1986).

Os resultados nos estudos da associação entre a satisfação na relação e o ciúme têm sido algo contraditórios (Dugosh, 2000a). Apesar de alguns estudos (e.g., Duemmler & Kobak, 2001; Dugosh, 2000b) terem demonstrado que o ciúme emocional tem um impacto positivo na satisfação com a relação, outros (e.g., Guerrero & Eloy, 1992) demonstraram que o ciúme tem uma relação negativa com a mesma. Apesar da controvérsia na literatura sobre a relação entre estes dois construtos, a maioria dos estudos encontrou uma relação negativa (Bevan, 2013).

1.2.2. Qualidade das alternativas

A qualidade das alternativas descreve a desejabilidade percebida da melhor alternativa disponível à relação atual do indivíduo. A qualidade das alternativas aumenta quando as necessidades mais importantes de uma pessoa podem ser atendidas fora da relação em que a mesma se encontra. Estas necessidades podem ser satisfeitas com outra relação da mesma natureza, por amigos e familiares ou por conta própria (Rusbult et al., 2006).

A qualidade percebida das alternativas é estabelecida da mesma maneira que a satisfação com a relação. Isto significa que é influenciada pelas recompensas e custos percebidos da alternativa. A única diferença prende-se no facto de que o objeto da avaliação é um relacionamento alternativo, a solidão ou passar tempo com amigos e familiares. Por exemplo, no caso de um indivíduo estar insatisfeito na sua relação e gostar muito de passar tempo com os seus amigos, torna-se menos comprometido em manter a relação (Rusbult, 1983).

A literatura parece sugerir que existe uma relação negativa entre o ciúme e a qualidade percebida das alternativas. Os indivíduos têm uma maior perceção de ciúme quando sentem que têm alternativas pouco atraentes (Rydell et al., 2004). Contudo, o estudo realizado por Bevan (2008) teve resultados surpreendentes. Estes revelaram uma relação positiva significativa entre a qualidade das alternativas e ciúme

cognitivo e emocional, ou seja, quanto maior for a qualidade percebida das alternativas, maior é a experiência do ciúme cognitivo e emocional. A autora hipotetizou que isto acontece porque aqueles que acreditam possuir alternativas de alta qualidade podem acreditar que os seus parceiros também têm a mesma gama de opções e, portanto, a percepção de ciúme aumenta.

1.2.3. Investimento

O componente de investimento descreve a magnitude e a importância dos recursos associados a uma relação, sendo que estes recursos perderiam valor ou seriam perdidos na sua totalidade no caso de a relação terminar (Rusbult et al., 2006).

Existem duas categorias gerais de investimento: intrínseca e extrínseca. Investimentos intrínsecos são recursos que são aplicados diretamente na relação (e.g., tempo e esforço emocional). O investimento extrínseco ocorre quando recursos inicialmente estranhos se associam à relação (e.g., amigos mútuos, memórias compartilhadas ou posses financeiras). Uma vez investidos, os investimentos intrínsecos e extrínsecos não são facilmente removidos da relação (Rusbult, 1983).

Segundo a literatura, parece existir uma relação positiva entre o ciúme romântico e o investimento numa relação amorosa (Bevan, 2008). Ou seja, quanto maior for o investimento acumulado ao longo da relação, maior será o ciúme experienciado, devido ao medo de possivelmente perder esse investimento.

1.2.4. Compromisso

O nível de compromisso é definido pela intenção de permanecer numa relação a longo prazo. Assim, o compromisso é um estado psicológico que influencia diretamente o comportamento diário nas relações, incluindo a decisão de permanecer na mesma (Rusbult et al., 2006).

O compromisso inclui componentes conativas, cognitivas e afetivas: intenção de persistir na relação (componente conativa), decisão de permanecer na relação a longo prazo (componente cognitiva) e bem-estar emocional (componente afetiva; Drigotas et al., 1999). Sintetizando, o compromisso é a motivação para o indivíduo se manter numa relação, uma vez que as consequências satisfazem ou excedem as expectativas (alta

satisfação com a relação), os proveitos desejados não estão disponíveis noutras situações (baixa qualidade de alternativas), e/ou os benefícios seriam perdidos caso a relação terminasse (alto nível de investimento; Etcheverry et al., 2013).

Pessoas que percebem estar mais comprometidas estão menos propensas ao ciúme comportamental. Porém, têm níveis de ciúme emocional mais elevados quando confrontadas com uma situação considerada ameaçadora (Rydell et al., 2004). Estas pessoas são mais dependentes da relação e, por isso, ameaças à relação podem ser mal interpretadas e resultar num aumento do ciúme reativo (Buunk, 1995). Pelo contrário, indivíduos menos comprometidos sentem que não têm muito a perder com o término do relacionamento e, por isso, os níveis de ciúme são mais baixos (Rydell et al., 2004).

1.3. Valor enquanto parceiro

Compreender a forma como os indivíduos se percebem enquanto parceiros e como percebem o valor dos seus parceiros pode ajudar a compreender a ocorrência do ciúme, o seu grau e, possivelmente, o seu carácter patológico. Para além disto, o efeito desta variável pode ser mediado pelas concepções pessoais, que são o foco deste estudo e serão apresentadas mais adiante. É, por isso, um tema essencial a ser abordado aqui.

As teorias evolutivas do acasalamento humano sugerem que homens e mulheres se envolvem num processo competitivo de seleção de parceiros, em que cada género atribui um valor relativamente maior a determinadas características do outro (Redlick, 2016). O valor de um potencial parceiro é o ganho que um indivíduo obtém ao acasalar ou formar uma parceria com aquele indivíduo; também, em humanos, é o valor dos potenciais parceiros no "mercado de acasalamento" (Howie & Pomiankowski, 2018) ou seja, é o valor percebido do companheiro (qualidade genética ou aptidão) enquanto parceiro romântico (Kirsner et al., 2003).

A importância de certas características pode variar dependendo das preferências e necessidades do indivíduo (Redlick, 2016). Porém, existem algumas diferenças de género abrangentes que foram identificadas no que torna um parceiro mais atrativo: as mulheres procuram mais ambição, *status* social e conforto financeiro, assim como o desejo de ter filhos e um compromisso com a família, enquanto que os homens procuram juvenildade, saúde e atratividade (Redlick, 2016; Buston & Emlen, 2003).

Uma vez que o verdadeiro valor do companheiro é subjetivo e não pode ser observado diretamente, é estimado que essa qualidade é avaliada com base em

características observáveis relevantes. Essa estimativa, que fornece uma medida do valor percebido do parceiro, é realizada por meio de uma análise de custo-benefício em que cada característica relevante é ponderada e combinada (Kirsner et al., 2003). Por conseguinte, o valor enquanto parceiro é uma estimativa teórica do quão valioso um indivíduo é enquanto parceiro num relacionamento reprodutivo (Brase & Guy, 2004).

Uma das consequências da desejabilidade de parceiros de alto valor é o processo da seleção assumir um carácter autorreflexivo. Todos os indivíduos “desejam” maximizar a sua própria aptidão e buscam acasalar, ou formar parceria, com indivíduos de alto valor enquanto parceiro. Contudo, o valor enquanto parceiro que um indivíduo pode obter será relativo e dependente de outros com quem tem que competir. É um desperdício de recursos - tanto em energia quanto em tempo, e às vezes em risco - buscar parceiros com um valor inalcançável (Andersson, 1994). As ferramentas internas utilizadas para a avaliação de parceiros podem ser voltadas para dentro e fornecer uma base, consciente ou não, para a avaliação de si mesmo (Howie & Pomiankowski, 2018). É por isso que as teorias do acasalamento seletivo sugerem que somos atraídos por parceiros que têm valores enquanto parceiros semelhantes ao nosso (Redlick, 2016).

É também importante evidenciar que uma percepção elevada do valor do próprio enquanto parceiro e menos esforço gasto no aumento desse valor foram relacionados com um nível mais elevado de autoestima, sendo que os homens têm níveis de autoestima mais elevados que as mulheres (Brase & Guy, 2004). Pessoas com baixa autoestima acreditam que o seu parceiro lhes atribui poucas qualidades. A baixa autoestima, muitas vezes, acaba por diminuir a satisfação e o bem-estar na relação. Os indivíduos com níveis de autoestima altos têm um autoconceito rico em recursos e modelos de funcionamento que enfatizam a consideração positiva dos outros e suportam inferências otimistas sobre a consideração por parte do seu parceiro, fornecendo assim as bases representacionais para uma sensação de segurança. Então, pessoas com alta autoestima acreditam que o parceiro lhes atribui muitas qualidades que valem a pena valorizar (Murray et al., 2000). Estas pessoas têm muita prática na defesa própria quando fazem comparações sociais potencialmente preocupantes com o seu parceiro, suprimindo automaticamente a ansiedade de troca (Murray et al., 2009a). Indivíduos com baixos níveis de autoestima mantêm uma distância mais cautelosa nas suas relações do que os indivíduos com alta autoestima (Murray et al., 2000).

Há evidências que sugerem que tanto a autopercepção quanto a avaliação do parceiro são relativas e podem ser influenciadas pela exposição a diferentes culturas. A

autopercção do valor enquanto potencial parceiro é influenciada pela exposição a modelos desejáveis do mesmo sexo (Buston & Emlen, 2003).

A escolha do parceiro a longo prazo é condicionada à percção de si mesmo como parceiro. Se esta escolha for baseada em regras de decisão de atração por gosto, então a forma mais frequente do acasalamento seletivo na sociedade ocidental é a de casamentos entre parceiros que compartilham muitos atributos em comum (Buston & Emlen, 2003). Ter um parceiro com valor enquanto parceiro maior do que o seu, isto é, quando há discrepância entre os valores dos dois indivíduos na relação, isso representa uma ameaça de perda maior, aumentando o ciúme (Sidelinger & Booth–Butterfield, 2007). Nestas situações, os parceiros são mais propensos a serem perseguidos por rivais, porque estes interpretam tais discrepâncias como uma oportunidade (Murray et al., 2009b). Assim, os relacionamentos entre indivíduos que se avaliam com precisão a si mesmos e aos potenciais parceiros, e que formam pares com base num emparelhamento característica-por-característica devem ter mais sucesso (i.e., índices de satisfação com a relação mais altos, maior estabilidade, etc.) do que pares de indivíduos comparáveis que são menos precisos nas suas avaliações ou que usam mecanismos alternativos na escolha de parceiro (Buston & Emlen, 2003). Para evitar experiências de rejeição dispendiosas, as pessoas contam com um barómetro dinâmico e diádico que estima o seu valor em relação ao do parceiro. Nesta métrica, sentir-se tão valioso quanto o parceiro fornece a base fundamental para confiar na sua motivação intrínseca para responder às necessidades da pessoa (Murray et al., 2009a).

A probabilidade de um indivíduo relatar alguma intenção de cometer uma infidelidade é tanto maior quanto maior for a probabilidade de ela resultar num aumento do valor enquanto do próprio enquanto parceiro, ou quando essa infidelidade pode levar à substituição do parceiro atual por um novo parceiro comparativamente mais valioso (Starratt et al., 2017).

Relacionado com o ciúme, os psicólogos evolucionistas presumem que homens e mulheres ficam mais angustiados com rivais que os superam em dimensões do valor enquanto parceiro mais valorizadas no seu género. Quando confrontadas com uma rival, as mulheres sentem mais ciúme quando essa rival é fisicamente atraente, e os homens sentem mais ciúme quando o rival possui características relacionadas ao *status*, como domínio social. No caso dos homens, quando têm altos valores enquanto parceiros, o ciúme é menor, visto que as suas parceiras não têm qualquer incentivo para procurar bons genes num rival através da infidelidade (Brown & Moore, 2003). Isto vai ao encontro do

facto de que pessoas que relatam pior condição física também relatam níveis significativamente mais altos de ciúme romântico (Pines & Aronson, 1983). Por sua vez, quando confrontadas por rivais, as mulheres ficam com o seu próprio valor enquanto parceira mais afetado do que os homens (Massar et al., 2009).

Os esforços para aumentar o valor do próprio enquanto parceiro são maiores nas mulheres do que nos homens, sendo que também são maiores em pessoas solteiras e com idade mais avançada (Brase & Guy, 2004). Contudo, mulheres com um alto valor enquanto parceira só ficarão com ciúmes quando confrontadas com uma rival que constitua uma ameaça real e, portanto, responderão com mais ciúme a uma rival fisicamente atraente do que a uma rival socialmente dominante. A teoria evolutiva afirma que mulheres com baixo valor enquanto parceira devem reagir fortemente à presença de qualquer rival, independente das suas características, uma vez que há uma maior probabilidade do seu parceiro abandonar em prol de uma rival e pode correr o risco de não encontrar um novo parceiro (Massar et al., 2009).

1.4. Vinculação

A teoria da vinculação é uma das teorias mais conhecidas da psicologia do desenvolvimento (Van Rosmalen et al., 2015). Esta teoria ajuda a explicar por que alguns relacionamentos são martirizados por ciúme mais do que outros. Mais concretamente, são os modelos de funcionamento que fundamentam os estilos de vinculação, que regulam se o indivíduo sente ciúmes e como o ciúme é experienciado (White & Mullen, 1989). Assim, uma vez que os estilos de vinculação são distinguidos por diferenças em termos de expressão emocional e comunicação interpessoal, é provável serem as diferenças dos estilos de vinculação que vão moldar a forma como os indivíduos expressam ciúme (Guerrero, 1998).

A proposição básica da teoria da vinculação é de que os bebés humanos precisam de uma relação consistente e constante de cuidado com um ou mais cuidadores para se desenvolverem e se tornarem indivíduos saudáveis. Relações desajustadas são possíveis causas de um comportamento desadaptativo que, associado a outros fatores de risco, pode evoluir para a psicopatologia (Van Rosmalen et al., 2015).

A teoria inicial da vinculação, desenvolvida por Bowlby (1969), refere que uma criança direciona o seu comportamento de vinculação a alguém percebido como mais velho, mais forte e mais sábio. O principal objetivo de Bowlby era descrever e explicar

como os bebês se tornam emocionalmente vinculados aos seus cuidadores primários e a angústia que sentem quando separados deles (Hazan & Shaver, 1987).

A teoria da vinculação é muito relevante para a compreensão de como certas experiências afetivas no início de vida dos indivíduos influenciam o bem-estar físico e emocional, não apenas na infância mas também durante a idade adulta, uma vez que os estilos de vinculação tendem a manter-se estáveis ao longo de toda a vida (Sable, 2008).

Ainda que Bowlby tenha afirmado repetidamente que a vinculação é um fenômeno para a vida toda, nem ele nem Ainsworth desenvolveram aprofundadamente a teoria para a adultícia (Sable, 2008). Enquanto a teoria da vinculação de Bowlby propõe um sistema comportamental de vinculação geral, a pesquisa sobre vinculação tem se concentrado nas diferenças individuais nas orientações de vinculação. Experiências iniciais com uma figura de vinculação formam os indivíduos de maneira a orientá-los para relações próximas e essas orientações são teorizadas como influenciadoras das características das relações românticas em adultos (Hazan & Shaver, 1994). Apesar de algumas semelhanças básicas, a vinculação em adultos difere, em vários aspectos, da vinculação em crianças (Kalish-Weiss, 1982). A vinculação em adultos constitui um padrão de cognição, afetos e comportamentos em relações íntimas que os teóricos consideram como uma característica relativamente estável dos indivíduos (Hazan & Shaver, 1987).

A vinculação na infância é tipicamente complementar, isto é, uma figura de vinculação primária fornece cuidados, mas não os recebe. Por outro lado, na vinculação em adultos, as relações são recíprocas, sendo que cada parceiro fornece e recebe cuidados. Além disso, a relação de vinculação passa do nível de interações externas observáveis para crenças e expectativas representadas internamente (Main et al., 1985). Ainda que crianças pequenas possam precisar de contato físico com a figura de vinculação para se sentirem completamente seguras, crianças mais velhas e adultos são capazes de se sentir confortados pelo mero conhecimento de que as suas figuras de vinculação podem ser contactadas se necessário. Apesar desta racionalização, a necessidade de conforto físico é algo que nunca desaparece ao longo da vida. Outra grande diferença consiste no facto de que a figura de vinculação primária de uma criança é geralmente o pai ou a mãe, enquanto a figura de vinculação primária de um adulto é mais frequentemente um parceiro (Hazan & Shaver, 1994).

1.4.1. Estilos de vinculação

Estilo de vinculação é um conceito que deriva da teoria de vinculação de John Bowlby, desenvolvido por Mary Ainsworth, e refere-se ao padrão relacional de um indivíduo com a sua figura de vinculação (Levy et al., 2011). Bowlby (1969, 1973, 1980) sugeriu que, com base nas primeiras experiências das crianças com os seus cuidadores, estas começam a desenvolver modelos internos de funcionamento do mundo, ou seja, construções dos outros e de si mesmo. De acordo com a teoria da vinculação, todas as crianças criam laços de vinculação com as suas figuras de vinculação, porém a qualidade da relação de vinculação difere (Van Rosmalen et al., 2015).

Durante os anos 70 e 80, Bowlby era comumente reconhecido como o (único) fundador da teoria da vinculação. Contudo, à medida que o conhecimento sobre a origem e o desenvolvimento da teoria se expandiu, Mary Ainsworth ganhou cada vez mais crédito como cofundadora (Van Rosmalen et al., 2015). Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) desenvolveram uma metodologia laboratorial denominada “Situação Estranha” para avaliar as diferenças individuais na segurança da vinculação de bebés com as suas figuras de vinculação principais. Esta metodologia inclui uma série de episódios controlados e encenados numa sala com brinquedos, nos quais o bebé, o cuidador e um estranho interagem e os comportamentos do bebé são observados (Levy et al., 2011).

Os três componentes da Situação Estranha (i.e., o ambiente estranho, o estranho e as separações do cuidador) tornam-na stressante para as crianças e estimulam o comportamento de vinculação. É dada particular atenção ao padrão comportamental demonstrado pela criança aquando do reencontro com o seu cuidador, após uma breve separação. A forma como a criança se aproxima do cuidador no reencontro e procura contacto e segurança, ou, pelo contrário, tenta evitá-lo, fica com raiva, ou age de forma desorganizada, é decisiva para a classificação do estilo de vinculação (Van Rosmalen et al., 2015). A vinculação das crianças à figura de vinculação pode ser classificada como estilo seguro, estilo evitante ou estilo ansioso-ambivalente (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978).

Os diferentes estilos de vinculação envolvem a confiança (ou não) do indivíduo na disponibilidade da figura de vinculação como base de segurança, a partir da qual tem a liberdade de explorar o mundo livremente quando não está em perigo. A visão da figura de vinculação enquanto porto seguro onde pode procurar apoio, proteção e conforto em momentos de angústia também é um dos fatores principais nos diferentes estilos de

vinculação. A exploração do mundo inclui não apenas o mundo físico, mas também os relacionamentos com outras pessoas e a reflexão sobre a própria experiência interna (Levy et al., 2011).

Ser alvo de um cuidado apropriado leva a criança a desenvolver a sensação de que é amado. Assim, a criança está segura da disponibilidade do cuidador e desenvolve uma vinculação com o mesmo que lhe proporciona segurança. Quando se sente angustiada, a criança procura ativamente o cuidador (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Bowlby, 1969) porque tem confiança de que o cuidador reduzirá o sofrimento sentido. Quando não está angustiada, a sensação de segurança da criança quanto à disponibilidade do outro e à capacidade de amar permite que esta explore ativa e livremente o ambiente que a envolve (Dozier, 1990). Com uma base segura numa relação, um indivíduo de qualquer faixa etária sente-se livre para se mover no mundo e explorar novas experiências e atividades, com a certeza de que tem um porto seguro para onde retornar, caso seja necessário (Ainsworth & Bowlby, 1991).

Crianças com o estilo de vinculação ansioso-ambivalente têm muitas vezes uma visão das suas figuras de vinculação como inconsistentes, têm dificuldade em obter a sua base segura e não se sentem livres para explorar o ambiente. Essa inconsistência leva à incerteza e a reações emocionais divergentes, que variam de ambivalência, a busca ativa de proximidade, a explosões de raiva. Crianças ansiosas-ambivalentes, por norma, culpam-se a si mesmas pela inconsistência do seu cuidador (ou cuidadores; Guerrero, 1998).

No estilo de vinculação evitante, as crianças têm uma percepção negativa dos outros e há um evitamento ativo da criança para com o cuidador. É frequente que as figuras de vinculação de crianças evitantes sejam negligentes ou que as estimulem demais ou não estimulem o suficiente, o que leva a que a criança se torne desapegada e defensiva (Guerrero, 1998).

Em crianças cujas figuras de vinculação não estão disponíveis ou não estão suficientemente sintonizadas com as suas necessidades, não existe segurança quanto à disponibilidade dos mesmos. Assim, não é possível desenvolver o senso de expectativa confiante em relação à disponibilidade do cuidador. Por não haver a certeza de que as suas necessidades serão saciadas, a criança cria mecanismos para se proteger contra a possibilidade de o cuidador não estar disponível quando é necessário. Estes mecanismos visam reduzir o sofrimento e, ao invés de serem direcionados para obter conforto do

cuidador (como se observa em crianças com estilo de vinculação seguro), são direcionados para combater a possibilidade de falhas futuras do cuidador (Dozier, 1990).

1.4.2. Modelos de funcionamento interno

Modelos de funcionamento interno são esquemas generalizados que refletem representações internas de si mesmo e dos outros (Guerrero, 1998). Estes modelos são estruturas cognitivo-afetivas que regulam o sistema de vinculação, monitorizando e gerenciando a cognição, os sentimentos e o comportamento em resposta a situações relacionadas à vinculação (Sable, 2008). Os padrões de vinculação estabelecidos na infância não são necessariamente imutáveis para o resto da vida. Tal como acontece com as estruturas cognitivas em geral, os modelos de funcionamento interno de vinculação enfrentam o dilema estabilidade-plasticidade (Grossberg, 1980; Hazan & Shaver, 1994). Estes modelos buscam estabilidade, mas devem permanecer flexíveis se quiserem continuar a ser adaptativos e úteis (Hazan & Shaver, 1994).

Conforme as pessoas vão desenvolvendo novas relações ao longo da vida, confiam, em parte, nas expectativas anteriores sobre como os outros provavelmente se comportarão e se sentirão em relação a elas, e usam esses modelos para interpretar os objetivos ou intenções dos seus parceiros. Os modelos de funcionamento interno são considerados altamente resistentes à mudança, porque são mais propensos a assimilar novas informações, mesmo possam distorcê-las, do que a acomodar informações que estão em dissonância com as expectativas já existentes (Fraley & Shaver, 2000). O mundo torna-se mais previsível, porque os modelos existentes fornecem a estrutura para a interpretação de qualquer evento. Estes modelos também são mantidos porque o indivíduo age de forma a obter respostas do ambiente consistentes com as suas expectativas (Dozier, 1990).

Indivíduos com modelos mentais positivos dos outros percebem as relações interpessoais como recompensadoras e potenciais parceiros como apoiantes e recetivos. Em contraste, indivíduos com modelos negativos percebem relações interpessoais como relativamente pouco recompensadores ou não essenciais, existindo também uma falta de confiança e uma instabilidade percebida. São, assim, estes modelos mentais que regulam a experiência e expressão emocional (Guerrero, 1998).

1.4.3. Vinculação, relações românticas e ciúme

A ansiedade e a angústia são os principais motores na busca por proximidade em pessoas de todas as idades. No entanto, a procura de proximidade do adulto também pode resultar do desejo de proteger ou cuidar, ou de se envolver em atividades sexuais (Hazan & Shaver, 1994; Birnbaum et al., 2019).

Assim, a vinculação é formada num contexto de proximidade física, mas as forças que promovem essa proximidade podem mudar com o desenvolvimento do indivíduo (Hazan & Shaver, 1994). Os estilos de vinculação em adultos descrevem o conforto e a confiança das pessoas em relações de intimidade, os seus medos de rejeição, anseio por intimidade bem como as suas preferências por autossuficiência ou distância interpessoal (Meyer & Pilkonis, 2001).

O ciúme romântico e a vinculação partilham algumas características, uma vez que ambas são consideradas dinâmicas destinadas a manter a figura de vinculação/parceiro, são desencadeadas por uma possível separação e envolvem as mesmas emoções básicas (e.g., medo, ira e tristeza). Tanto na vinculação como no ciúme, existe uma sensação de segurança quando a figura de vinculação/parceiro está próximo e responsivo e o oposto quando está distante (Marazziti et al., 2010).

White e Mullen (1989) sugerem que a teoria da vinculação pode ajudar a explicar por que algumas relações são martirizadas com mais ciúme do que outras. O ciúme surge quando uma relação de vinculação é ameaçada por terceiros (ou, pelo menos, há a percepção dessa ameaça). Uma vez que os diferentes estilos de vinculação estão associados a diferentes expectativas de relações interpessoais, foi proposto que cada estilo tem uma reação diferente a possíveis ameaças (Harris & Darby, 2010).

Hazan e Shaver (1987) reportaram que adultos que se autodefinem como seguros, ansioso-ambivalente ou evitantes são distinguidos uns dos outros com base em percepções de si mesmos, dos outros e das relações que mantêm. Adultos que se autodefinem como seguros, acreditam que a maioria das pessoas com quem confraterniza gosta deles, assumem que os outros são maioritariamente pessoas bem-intencionada, e veem o amor como algo que oscila ao longo de uma relação de forma saudável (Guerrero, 1998). Estes indivíduos indicam que sentem que é fácil a aproximação a outras pessoas, sentem-se confortáveis em depender de outras pessoas e em ter outras pessoas a depender de si, não se preocupam em ser abandonados nem se assustam com a aproximação de outrem. É frequente que pessoas seguras consigam desenvolver relações estáveis e de apoio

interpessoal, em que existem altos níveis de confiança, interdependência, compromisso e satisfação (Simpson, 1990). No estilo de vinculação segura, os indivíduos creem que os seus parceiros são responsivos e disponíveis e, portanto, não estão excessivamente preocupados com a disponibilidade dos seus parceiros. Assim, não veem o conflito como uma ameaça à relação (Pietromonaco et al., 2004).

Existe alguma discórdia na literatura em relação aos resultados apresentados por indivíduos seguros no ciúme. A primeira hipótese propõe que indivíduos seguros sentem menos ciúme. Isto dá-se porque estas pessoas tendem a ter relações bem-sucedidas nas quais elas e os seus parceiros são felizes, então há poucos motivos para temerem ameaças de possíveis rivais. Pessoas seguras são menos propensas a avaliar os outros como possíveis ameaças porque têm um modelo mental positivo pessoal e dos seus parceiros e, então, não esperam uma traição (Harris & Darby, 2010). Contudo, existe outra hipótese na literatura que refere que, como os indivíduos seguros valorizam muito as relações de vinculação que mantêm, podem ser mais propensos a utilizar o ciúme para proteger essas relações. Nesta segunda hipótese teórica, o ciúme pode ajudar a manter a relação ao motivar o indivíduo a eliminar possíveis ameaças. O trabalho empírico sobre o estilo de vinculação seguro e o ciúme encontra evidências que apoiam ambas as hipóteses (Harris & Darby, 2010). Para auxiliar ambas as hipóteses, os autores Harris e Darby (2010) propuseram que no estágio de avaliação, os indivíduos seguros terão um limite mais amplo para avaliar uma potencial ameaça, e assim, terão crises de ciúme menos frequentes. No segundo estágio, depois da certeza da existência de uma ameaça, estes indivíduos têm maior probabilidade de reagir com ira e ciúme.

Pessoas com vinculação evitante referem que se sentem desconfortáveis quando estão com outras pessoas, não conseguem confiar facilmente nem gostam de depender de outrem. É comum que este estilo de vinculação leve ao desenvolvimento de relações distantes, com baixos níveis de confiança, interdependência, compromisso e satisfação (Simpson, 1990). Para estes indivíduos, o conflito pode representar uma ameaça porque interfere na sua necessidade de independência e autossuficiência. Esta necessidade pode-se refletir numa crença de que os outros estarão emocionalmente indisponíveis e indiferentes. Durante o conflito, podem ser pressionados a terem comportamentos que estabeleçam proximidade emocional (e.g., revelar pensamentos e sentimentos pessoais) e isto pode revelar-se difícil por interferir com a sua necessidade de independência (Pietromonaco et al., 2004). Quando indivíduos evitantes sentem ciúme, tendem a direcionar a sua raiva e culpa para o rival, em vez de para o parceiro (Sharpsteen &

Kirkpatrick, 1997). Como valorizam menos as relações de vinculação em geral, parece que são os menos ameaçados pela possibilidade de a mesma terminar (Harris & Darby, 2010).

No caso da vinculação ansiosa-ambivalente, existe uma ambivalência na aproximação com os outros, há muita insegurança na percepção dos sentimentos dos outros para consigo e, por vezes, esforçam-se para estar o mais perto possível dos parceiros. Mesmo quando desejam desenvolver relações interpessoais estáveis e de apoio, as suas inseguranças sobre a estabilidade das relações em geral impede-os de ser capaz de confiar nos outros, de se comprometerem e de se sentirem satisfeitos nas suas relações (Simpson, 1990). Quando confrontados com um conflito, indivíduos ansiosos exibem emoções intensas e concentram-se excessivamente nas suas próprias preocupações, o que leva a dificuldades em interpretar corretamente as informações transmitidas pelos seus parceiros (Pietromonaco et al., 2004). Indivíduos ansiosos envolvem-se mais em comportamentos de vigilância (e.g., espiar o parceiro, procurar evidências de suspeita de infidelidade nos pertences do seu parceiro; Harris & Darby, 2010). A falta de confiança que indivíduos ansiosos têm nos seus parceiros pode levar a um limiar mais baixo na avaliação de ameaça. Quando recebem cenários potencialmente ameaçadores, consideram-se mais ciumentos do que os indivíduos mais seguros. Quando a traição realmente acontece, geralmente suprimem a raiva explícita do seu parceiro e rival (Sharpsteen & Kirkpatrick, 1997), possivelmente para evitar mais rejeições. No entanto, em vez de tentar reparar o dano causado pelo rival, adotam comportamentos de distanciamento. Assim, as suas reações de distanciamento à ameaça parecem ser mais contraproducentes do que as reações de ciúme de indivíduos seguros (Harris & Darby, 2010).

1.5. Concepções pessoais

Algo que pode ter uma influência considerável no ciúme, sobretudo na teoria cognitivo comportamental, e que não tem sido alvo de muita atenção por parte da literatura, até ao momento, são as concepções pessoais acerca do ciúme e daquilo que o envolve. Nomeadamente, numa perspetiva cognitivo comportamental, as interpretações e concepções que as pessoas têm em relação ao significado das situações geradoras de ciúmes, a sua interpretação, as suas causas e possíveis consequências.

As pessoas percebem o ambiente que as rodeia através de um conjunto de crenças e esquemas cognitivos cuja organização interna pode levar a que seja útil vê-los como uma matriz. Essa matriz é constantemente ajustada conforme as situações com que a pessoa se depara. Ainda que o que é possível observar através desta matriz nem sempre seja objetivo, ou sequer adequado, esta é necessária para a exploração do mundo exterior. Esta é a matriz que vai dar significado a tudo o que a pessoa observa e experiencia, e ajuda a que os indivíduos possam ter opiniões e crenças que não sejam teoricamente fundamentadas. Ou seja, para além das teorias científicas e académicas sobre os mais diversos fenómenos, os indivíduos leigos têm ideias e teorias implícitas sobre o que explica certos fenómenos. Estas ideias e teorias implícitas são as concepções pessoais (Ponte, 1992).

A teoria mais atual de concepções pessoais teve como base a teoria dos construtos pessoais (Kelly, 1955), que refere que quaisquer acontecimentos que enfrentemos estão sujeitos a uma grande variedade de construtos que a nossa inteligência nos capacita a interpretar. Contudo, estes construtos que os indivíduos arquitetam sobre a sua realidade não são verdades absolutas, isto é, estão sujeitos a alterações e reconsiderações ao longo da vida. Mesmo as ocorrências mais comuns podem ser totalmente remodeladas se o indivíduo for criativo o suficiente para interpretá-las de forma diferente (Kelly, 1970). A presente teoria categoriza as experiências dos indivíduos e categoriza os seus ambientes.

Para compreender melhor as concepções pessoais, é preciso entender que a relação entre cognição e emoção requer que consideremos a interface entre os processos automáticos e intencionais. Os processos automáticos são, por norma, involuntários, inconscientes e não têm esforço envolvido. Contudo, há alguns casos em que algumas destas características se aplicam, mas não todas. Assim, é possível que os fatores cognitivos envolvidos possam ser automáticos num sentido, mas não noutro. Além disso, os fatores podem interagir de tal forma que as estratégias intencionais às vezes podem modificar as operações automáticas (Mathews & MacLeod, 1994). As emoções são um produto complexo da avaliação cognitiva das mudanças que um determinado ambiente cria nos objetivos, crenças e expectativas de um indivíduo. As emoções não se aplicam a um ambiente sem levar em conta a pessoa que interage com o ambiente e como o ambiente afeta as suas ações e cognições (Mikulincer & Florian, 1997).

As concepções não são observáveis nem de fácil acesso, ou seja, muitas vezes estão enraizadas no inconsciente dos indivíduos. A natureza destas concepções é maioritariamente cognitiva, visto que são estas concepções que atribuem significado ao

ambiente envolvente. Para além da estruturação cognitiva, as conceções pessoais também podem obstruir a construção de novas realidades ao limitar a capacidade de compreensão das mesmas e, por consequente, de atuação (Ponte, 1992).

A sua formação dá-se num processo que resulta da experiência do próprio indivíduo, bem como do confronto destes ideais com os ideais de outros indivíduos. Desta forma, é um processo individual e social simultâneo, que ocorre de forma constante (Ponte, 1992).

Um domínio onde é possível ver estas conceções pessoais é no âmbito da teoria da atribuição. Esta teoria refere que os indivíduos determinam as causas de um evento e/ou comportamento, bem como as consequências dessa atribuição no seu comportamento posterior (Weiner, 1985; Schmitt, 2015).

As principais dimensões da teoria da atribuição são: locus de causalidade, estabilidade, controlabilidade e intencionalidade (Weiner, 1985; Thompson & O'Sullivan, 2017). Locus de causalidade é referente à origem do evento, seja ela interna ou externa ao indivíduo. A estabilidade, por sua vez, faz a diferenciação entre causas consistentes e estáveis a longo prazo e os estados temporários e instáveis a curto prazo. A controlabilidade é referente a quão controlável alguém acredita que um comportamento é. A intencionalidade é respeitante à finalidade pretendida numa determinada situação (Thompson & O'Sullivan, 2017). Quando o resultado de uma ação é negativo, essas atribuições também designam a proporção da culpa que se acredita que o indivíduo deve receber (Harris & Darby, 2010).

A teoria da atribuição parece encaixar-se bem no estudo dos ciúmes e da infidelidade. As diferentes atribuições que alguém faz sobre as ações do parceiro desempenham um papel decisivo no ciúme que sente (Harris & Darby, 2010). Os níveis de ciúme são mais elevados quando a infidelidade é compreendida como resultado de causas internas, controláveis e intencionais, em comparação com causas externas, incontroláveis e não intencionais (Bauerle et al., 2002). Quando a causa da indiscrição de um parceiro é vista como vinda do próprio e não das circunstâncias circundantes, este tem controle sobre a ação, é responsável pela ação e cometeu a ação intencionalmente, os níveis de ciúmes são maiores (Harris & Darby, 2010; Bauerle et al., 2002). O oposto também acontece, isto é, ações de outra pessoa, sobre as quais o parceiro não tem controle, não é responsável e não pretende agir sobre essas ações, geram muito menos ciúme (Bauerle et al., 2002).

Os indivíduos que se sentem infelizes com a sua relação tendem a perceber as causas dos comportamentos negativos dos seus parceiros como reflexo de características internas e duradouras. Estes indivíduos também entendem os comportamentos positivos do

parceiro como sendo determinado por situações específicas e, portanto, são comportamentos considerados temporários (Fincham et al., 1987).

É esperado que o ciúme seja particularmente intenso quando o comportamento extraconjugal é atribuído à insatisfação do parceiro com a relação, uma vez que o ciúme é muitas vezes visto principalmente como uma reação defensiva contra uma ameaça percebida. Uma ameaça é percebida como menos grave quando o comportamento do parceiro é entendido como sendo motivado pela necessidade de novidades e variedade. O indivíduo pode interpretar estas necessidades como características da personalidade do parceiro, que não significam uma atitude negativa em relação a ele próprio ou ao relacionamento (White, 1980; Buunk, 1984). Em grande parte, são as avaliações e atribuições que se faz sobre as ações de um parceiro que produzem ciúme, não necessariamente as próprias ações (Harris & Darby, 2010).

1.5.1. Motivações do parceiro para a fidelidade

No presente estudo, as concepções pessoais serão operacionalizadas através das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade, uma vez que estas atribuições de motivações são importantes para compreender como os indivíduos interpretam as situações, que significados lhes atribuem e quais as consequências que esperam. Diferentes tipos de motivações percebidas dos parceiros para a fidelidade, isto é, o tipo de motivações que o indivíduo acredita que o parceiro tem para lhe ser fiel, poderão ter impactos diferentes.

A teoria da autodeterminação (Deci & Ryan, 1985) propõe um contínuo de motivação que varia em termos do nível de internalização, ou seja, o grau em que o comportamento é autodeterminado. A distinção mais fulcral na teoria da autodeterminação é entre a autonomia e o controlo.

Motivação autónoma engloba tanto a motivação intrínseca como os tipos de motivação extrínseca nas quais os indivíduos se identificam com o valor de uma atividade e, idealmente, a integram ao seu senso de identidade. Quando as pessoas são motivadas de forma autónoma, têm vontade própria. Motivação controlada, em oposição, consiste numa regulação externa, na qual o comportamento é em função da possibilidade de recompensas externas ou possível punição. Quando o locus de controlo é externo, existe pressão para o indivíduo pensar, sentir ou comportar-se de forma específica (Deci & Ryan, 2008a). Quando as pessoas estão intrinsecamente motivadas para uma atividade, o

locus de causalidade percebido é interno e existe autodeterminação (Deci et al., 1981), isto é, comportamentos intrinsecamente motivados são realizados na ausência de qualquer contingência externa (Deci & Ryan, 1980). Na motivação extrínseca, o locus de causalidade é externo e existe uma autodeterminação menor (Deci et al., 1981).

A motivação introjetada envolve regras internalizadas ou que pressionam a pessoa a comportar-se de uma determinada maneira, mesmo quando a fonte externa não está presente, e são sustidas por sanções ou recompensas internalizadas. O comportamento regulado por introjeção não é considerado autodeterminado. Embora a motivação introjetada seja interna à pessoa, tende mais para o controle externo do que para a autodeterminação, porque envolve coerção ou sedução e não acarreta uma escolha verdadeira (Deci et al., 1991). Fora da teoria da autodeterminação ficou a amotivação, que reflete a total falta de intenção de agir (Deci & Ryan, 2008b).

Assim, na motivação percebida do parceiro para a fidelidade, o indivíduo pode crer que o parceiro lhe é fiel porque se sente autodeterminado para isso ou simplesmente porque teme as consequências. Como referido anteriormente, os níveis de ciúme são mais elevados quando é aferida intencionalidade à ação do parceiro (Bauerle et al., 2002). Gaine e La Guardia (2009) aferiram a importância da avaliação da motivação para a permanência na relação e para a realização de várias atividades com o parceiro, visto que estas também são fundamentais para uma maior satisfação na relação. Assim, o estudo das motivações para a fidelidade parece constituir um objetivo importante para a investigação (Viegas & Moreira, 2015) e é algo que ainda foi pouco explorado pela literatura quando associado ao ciúme.

1.6. Hipóteses

Devido às potenciais consequências tão negativas do ciúme (Sheets et al., 1997; De Silva, 1997; Kingham & Gordon, 2004), este tem sido um construto que tem sido estudado ao longo dos anos pela psicologia. Ainda assim, a literatura ainda tem um longo caminho a percorrer para compreender na sua totalidade todas as esferas do ciúme. Portanto, a presente investigação pretende compreender em que medida as concepções pessoais, operacionalizadas pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade, influenciam o ciúme e, através dele, a satisfação com a relação, a qualidade percebida das alternativas, o investimento e, conseqüentemente, o compromisso. Adicionalmente,

procurou-se conhecer a influência, sobre estas variáveis, do estilo de vinculação e do valor percebido do próprio e do parceiro enquanto parceiros.

Deste modo, formulam-se as seguintes hipóteses:

H1. As concepções pessoais, operacionalizadas pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade, influenciam o ciúme, nas suas várias facetas.

H2. A influência das dimensões do estilo de vinculação sobre o ciúme, nas suas várias facetas, é mediada pelas concepções pessoais, operacionalizadas pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade.

H3. A influência do valor, enquanto parceiro, do próprio e do parceiro sobre o ciúme, nas suas várias facetas, é mediada pelas concepções pessoais, operacionalizadas pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade.

H4. O ciúme, nas suas várias facetas, influencia a qualidade da relação tal como é operacionalizada pelo modelo do investimento.

2. Metodologia

2.1. Participantes

A realização deste estudo contou com uma amostra total de 284 participantes. Apesar de apenas 145 finalizarem o estudo na sua totalidade, as restantes respostas foram utilizadas através de um algoritmo de imputação múltipla incluído no software AMOS, que é muito útil quando existem valores ausentes na base de dados (Rubin, 1996).

Dos 145 participantes que completaram o estudo, 90 (62,1%) pertenciam ao sexo feminino e 55 (37,9%) pertenciam ao sexo masculino. As idades variavam entre os 18 e os 71 anos ($M = 39,26$; $DP = 13,92$). Relativamente ao tipo de relação que mantinham, 74 (51%) participantes estavam casados, 49 (33,8%) estavam numa relação de namoro, 21 (14,5%) encontravam-se numa situação de coabitação e 1 (0,7%) estava noivo. A duração média da relação era de 15,31 anos ($DP = 12,89$). No que concerne à escolaridade, 4 (2,8%) possuíam habilitações literárias até ao ensino básico, 7 (4,8%) tinha completado o ensino básico, 50 (34,5%) tinham o nível do ensino secundário e os

restantes 84 (57,9%) possuíam habitações literárias ao nível do ensino superior: 68 (46,9%) na licenciatura, 15 (10,3%) no mestrado e 1 (0,7%) no doutoramento.

2.2. Instrumentos

2.2.1. Questionário sociodemográfico

O presente questionário tem como objetivo a caracterização da amostra. De forma a não ser demasiado longo para os participantes, foram apenas recolhidas as informações mais relevantes para a presente investigação. Desta forma, o questionário sociodemográfico visou recolher informações sobre a idade dos participantes, o seu género, o nível de escolaridade, o tipo de relação em que se encontravam e a duração da mesma.

2.2.2. Experiências em Relações Próximas

O questionário original foi desenvolvido por Brennan, Clark & Shaver (1998) e foi traduzido e validado para a população portuguesa por Moreira, Lind, Santos, Moreira, Gomes, Justo, Oliveira, Filipe e Faustino (2006). É um instrumento de autorrelato em que é pedido ao participante que avalie o grau no qual se identifica com as afirmações sobre os seus sentimentos nas relações, tanto passadas quanto presentes. Embora o questionário original seja composto por 36 itens, no presente estudo é utilizada a versão breve, na qual se integram apenas 12 itens, dos quais seis avaliam o evitamento (e.g., “Costumo discutir os meus problemas e preocupações com o/a meu/minha parceiro/a.”) e os restantes seis a preocupação (e.g., “Fico ressentido/a quando o/a meu/minha parceiro/a passa tempo longe de mim”). É importante referir que três itens do evitamento, os itens 1, 5 e 7, são de cotação invertida. Os itens são distribuídos intercaladamente, havendo a correspondência dos números ímpares à subescala do Evitamento e dos números pares à subescala da Preocupação. As respostas são dadas através de uma escala de Likert, que varia entre 1, correspondente a “Discordo Fortemente” e 7, correspondente a “Concordo Fortemente”, sendo que o número intermédio, 4, corresponde a “Neutro/misto”.

Na versão completa portuguesa, os valores do alfa de Cronbach são de 0,87 para a escala da Preocupação e de 0,93 para a escala de Evitação. Contudo, este estudo usou a versão breve e obteve o valor de 0,72 de alfa de Cronbach para a escala da Preocupação e de 0,80 para a escala de Evitação.

2.2.3. Escala de Valor Enquanto Parceiro

O questionário original, criado por Edlund e Sagarin (2014), constitui uma medida de autorrelato do próprio valor enquanto parceiro. É composto por quatro itens, que possuem boa confiabilidade teste-reteste e consistência interna (Gillen et al., 2016). Nos primeiros dois itens, bem como no quinto item, o participante deve responder em termos de o quão desejável o próprio acha que é, numa escala do tipo Likert, variando entre 1, “Extremamente indesejável” e 7, “Extremamente desejável”. No terceiro item é questionado qual a desejabilidade do próprio comparada com os outros, em que a resposta é dada numa escala do tipo Likert, variando entre 1, “Muito Abaixo Da Média” e 7, “Muito Acima Da Média”. No quarto item é questionado o quão bom partido acha que é, numa escala do tipo Likert, variando entre 1, “Muito Mau Partido” e 7, “Muito Bom Partido”.

Uma versão inicial da tradução foi feita pela autora e orientador desta dissertação. Foi realizada uma retroversão independente, que foi comparada com a versão original. Deste processo permaneceram algumas dúvidas em relação à melhor forma de traduzir um dos itens (“Overall, how good of a catch are you?”), pelo que se decidiu manter na versão portuguesa duas possíveis formas deste item, aumentando o número de itens da escala para cinco.

Foi também acrescentada uma nova subescala que diz respeito ao valor percebido do parceiro enquanto parceiro. Os itens são idênticos aos da versão original. Porém, nesta subescala, a avaliação foca-se em como o participante percebe o valor do seu parceiro enquanto parceiro (e.g., “De forma geral, em que medida o o/a seu/sua parceiro/a é considerado um parceiro desejável?”). Desta forma, a escala utilizada no presente estudo é composta por dez itens no total.

Uma vez que foram acrescentados itens ao questionário, procedeu-se à análise das suas propriedades através de uma análise fatorial exploratória. Foi usado o “método do cotovelo” (Moreira, 1999) para determinar o número de fatores e uma rotação do tipo Varimax. Na Figura 1 é possível verificar o gráfico de valores próprios relativo à escala do Valor Enquanto Parceiro. Através do gráfico dos valores próprios apresentado na Figura 1, é possível extrair 2 fatores.

Na matriz dos componentes após rotação, apresentada no Quadro 1, estão apresentadas as saturações dos itens em cada um dos fatores.

Figura 1. Gráfico dos valores próprios referente à Escala do Valor Enquanto Parceiro



Quadro 1. Saturação dos itens da escala do Valor Enquanto Parceiro do próprio e do parceiro nos fatores

| | Componente | |
|---|-------------|-------------|
| | 1 | 2 |
| 1. Quão desejável o/a seu/sua parceiro/a é? | 0,14 | 0,80 |
| 2. Como as outras pessoas avaliariam o/a seu/sua parceiro/a? | 0,17 | 0,74 |
| 3. Como o/a seu/sua parceiro/a se compara com as outras pessoas? | 0,18 | 0,51 |
| 4. Quão bom partido acha que o/a seu/sua parceiro/a é? | 0,20 | 0,72 |
| 5. O/a seu/sua parceiro/a é considerado um parceiro desejável? | 0,26 | 0,83 |
| 6. Quão desejável você é enquanto parceiro? | 0,86 | 0,22 |
| 7. Como as outras pessoas avaliariam o quão desejável você é, enquanto parceiro? | 0,77 | 0,20 |
| 8. Como se compara com as outras pessoas em termos de desejabilidade enquanto parceiro/a? | 0,81 | 0,22 |
| 9. Quão bom partido você acha que é? | 0,75 | 0,26 |
| 10. Como avaliaria o quão desejável você é? | 0,89 | 0,18 |

Assim, o Fator 1 é referente ao valor do parceiro enquanto parceiro e o Fator 2 é referente ao valor do próprio enquanto parceiro.

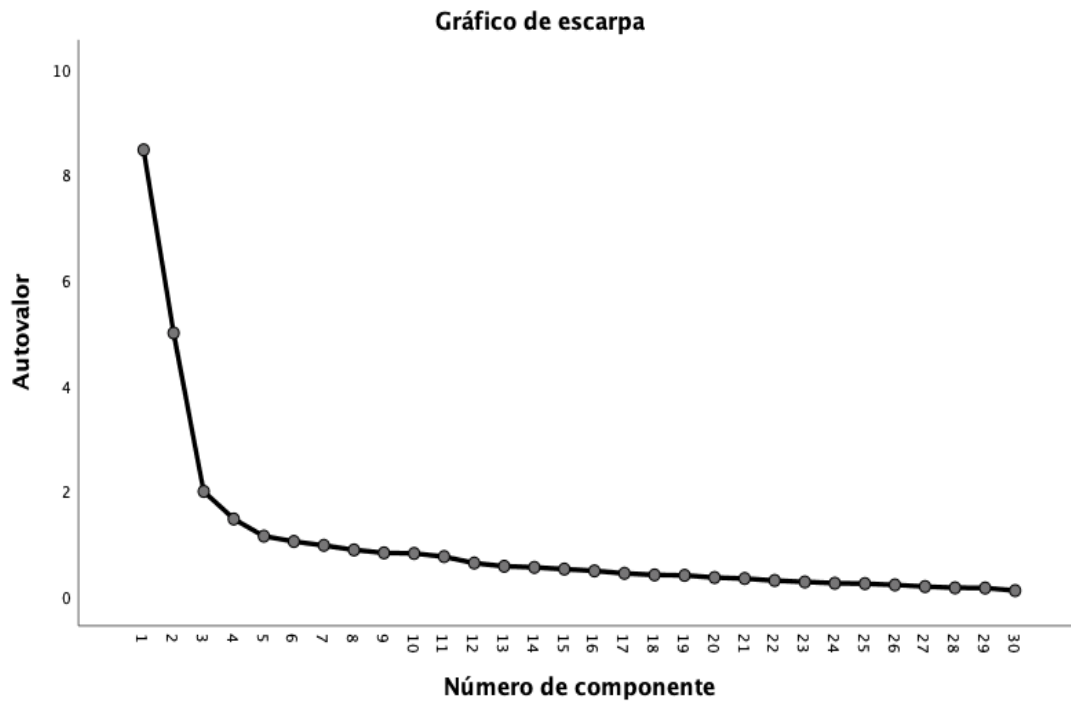
O valor da subescala Valor Enquanto Parceiro do questionário original teve um alfa de Cronbach de 0,86 (Edlund & Sagarin, 2014). No presente estudo, a subescala de Valor do Próprio Enquanto Parceiro obteve um alfa de Cronbach de 0,90 e a subescala de Valor do Parceiro Enquanto Parceiro teve um alfa de 0,81.

2.2.4. Questionário Multidimensional de Comportamentos Extrarrelacionais – secção F

Este questionário é composto por 30 itens, que são avaliados através de uma escala de Likert que varia entre 1, “nada verdadeira” e 7, “completamente verdadeira”. O principal objetivo do questionário é avaliar a percepção das diferentes motivações do parceiro para o não envolvimento em comportamentos extrarrelacionais, ou seja, as motivações percebidas do parceiro para a fidelidade. A versão inicial do questionário foi desenvolvida por Viegas e Moreira (2015) e constatou-se que media quatro fatores: o Fator 1 corresponde à motivação intrínseca para o não envolvimento extrarrelacional, o Fator 2 à motivação extrínseca, o Fator 3 à motivação introjetada e o Fator 4 à amotivação.

No presente estudo foram criados 17 novos itens, a acrescentar aos 13 itens que faziam parte do questionário inicial, de forma a combater possíveis lacunas do questionário original, bem como torná-lo mais completo. Visto que o questionário foi alterado e aperfeiçoado na presente investigação, procedeu-se à análise das suas propriedades através de uma análise fatorial exploratória. Foi, novamente, usado o “método do cotovelo” para a determinação do número de fatores e uma rotação do tipo Varimax. A Figura 2 apresenta o gráfico de valores próprios relativo à escala das Motivações Percebidas do Parceiro para a Fidelidade.

Figura 2. Gráfico dos valores próprios referente à Escala das Motivações Percebidas do Parceiro para a Fidelidade



Através do gráfico dos valores próprios apresentado na Figura 2, é possível extrair 4 fatores. No Quadro 2, a matriz dos componentes após rotação, estão apresentadas as saturações dos itens em cada um dos fatores. Na presente matriz é possível verificar que os itens 5, 6, 11, 13, 15, 17, 21, 22, 23, 25, 27 e 30 têm uma saturação muito difusa entre vários fatores. Por este motivo, esses itens foram desconsiderados na presente investigação.

Quadro 2: *Saturação dos itens da Escala das Motivações Percebidas do Parceiro para a Fidelidade*

| | Componente | | | |
|---|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 1. Não conheceu ninguém que lhe despertasse interesse | 0,03 | 0,03 | 0,31 | 0,72 |
| 2. Não tem vontade | 0,34 | 0,15 | 0,04 | 0,75 |
| 3. Não tem coragem | 0,06 | 0,65 | 0,15 | 0,36 |
| 4. Temos filhos em comum | -0,17 | -0,06 | 0,70 | 0,15 |
| 5. Me prometeu fidelidade | 0,50 | 0,12 | 0,55 | -0,07 |
| 6. Condena a traição | 0,64 | 0,11 | 0,35 | -0,05 |
| 7. Me ama | 0,75 | -0,21 | -0,03 | 0,10 |
| 8. Está satisfeito com a nossa relação | 0,77 | -0,19 | -0,08 | 0,05 |
| 9. Me respeita | 0,80 | -0,16 | -0,11 | 0,06 |
| 10. A infidelidade é reprovável socialmente | 0,18 | 0,32 | 0,62 | -0,02 |
| 11. Tem medo de ser descoberto | -0,40 | 0,58 | 0,13 | -0,01 |
| 12. Tem medo das consequências para a nossa relação | -0,09 | 0,80 | 0,08 | 0,00 |
| 13. É contra os seus princípios e compromissos religiosos | 0,42 | 0,08 | 0,31 | -0,04 |
| 14. Tem medo que eu lhe faça o mesmo | -0,08 | 0,72 | 0,08 | 0,02 |
| 15. Não me quer magoar | 0,54 | 0,49 | -0,12 | 0,04 |
| 16. Temos um compromisso | 0,76 | 0,19 | 0,18 | -0,10 |
| 17. Sentiria vergonha de o ter feito | 0,49 | 0,47 | 0,24 | -0,03 |
| 18. Já estamos juntos há muito tempo | 0,29 | 0,04 | 0,67 | 0,26 |
| 19. Temos um laço emocional muito forte | 0,75 | -0,15 | 0,25 | 0,14 |
| 20. A/O satisfação emocionalmente | 0,78 | -0,17 | 0,19 | 0,13 |
| 21. Eu também nunca o traí | 0,34 | 0,19 | 0,48 | 0,01 |
| 22. Acha que é moralmente errado | 0,55 | 0,22 | 0,49 | -0,22 |
| 23. Os outros o/a julgariam | -0,01 | 0,54 | 0,57 | 0,01 |
| 24. Não tem tempo para investir noutra pessoa | 0,04 | 0,17 | 0,53 | 0,16 |
| 25. Somos monógamos | 0,55 | -0,02 | 0,30 | 0,21 |
| 26. A/O satisfação sexualmente | 0,68 | -0,04 | 0,16 | 0,17 |
| 27. Não tem interesse | 0,50 | 0,32 | -0,08 | 0,36 |
| 28. Não vê motivo para isso | 0,70 | 0,07 | 0,03 | 0,16 |
| 29. Tem medo das consequências | -0,01 | 0,81 | 0,11 | 0,03 |
| 30. As pessoas ficariam a pensar mal dele/a | -0,02 | 0,65 | 0,46 | 0,02 |

Como no questionário original, mantiveram-se quatro fatores, sendo eles: o Fator 1 correspondente à motivação intrínseca para o não envolvimento extrarrelacional (e.g., “Me ama”), o Fator 2 à motivação extrínseca (e.g., “Tem medo das consequências para a nossa relação”), o Fator 3 à motivação introjectada (e.g., “Temos filhos em comum”) e o Fator 4 à amotivação (e.g., “Não tem vontade”).

A nível de consistência interna, o alfa de Cronbach para a subescala da Motivação Intrínseca foi de 0,90, na subescala da Motivação Extrínseca foi de 0,81, na subescala da Motivação Introjectada foi de 0,67 e na Amotivação foi de 0,60.

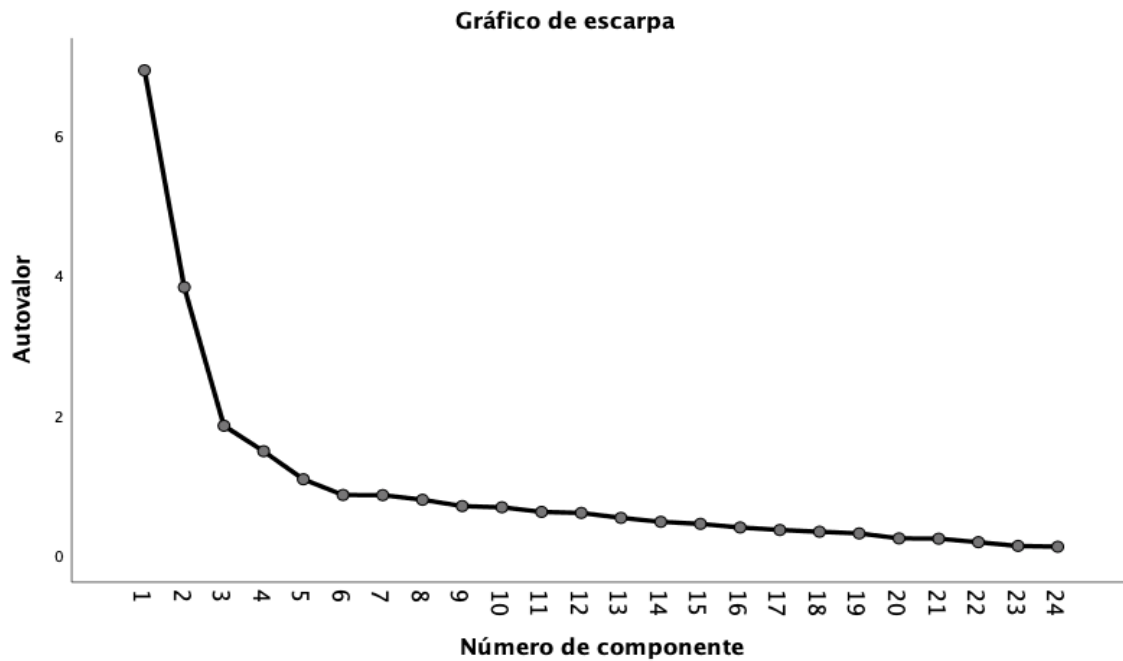
2.2.5. Escala Multidimensional do Ciúme

A Escala Multidimensional do Ciúme foi desenvolvida por Pfeiffer e Wong (1989) e foi traduzida para a língua portuguesa por Lucas, Pereira e Esgalhado (2012). Esta escala conta com 24 itens e tem como principal objetivo avaliar os níveis de ciúme cognitivo, emocional e comportamental e, assim, é composta por três subescalas. A primeira subescala mede a frequência com que os sujeitos se sentem preocupados e têm pensamentos irracionais/ruminativos relacionados com o ciúme, ou seja, o Ciúme Cognitivo (e.g., “Suspeito que o/a meu/minha parceiro/a se encontra secretamente com outra pessoa”). A subescala do Ciúme Comportamental avalia a frequência do monitoramento de comportamentos do parceiro (e.g., “Questiono o/a meu/minha parceiro/a sobre relações românticas antigas e/ou recentes”). Os itens destas duas escalas são respondidos mediante uma escala de Likert em que 1, correspondente a “nunca” e 5, correspondente a “sempre”.

Por último, na subescala do Ciúme Emocional, o que é avaliado é a reação emocional perante uma ameaça percebida à relação (e.g. “O/A seu/sua parceiro/a comenta consigo como alguém é atraente.”), sendo que 1, corresponde a “muito bem” e 5, a “muito mal”. Nas três subescalas, quanto mais elevada a pontuação, maior é o nível de ciúme percebido pelo indivíduo.

Uma vez que poucos foram os estudos feitos com esta escala na população portuguesa e por medir um dos construtos principais da presente investigação, procedeu-se à análise das suas propriedades através de uma análise fatorial exploratória. A Figura 3 apresenta o gráfico de valores próprios relativo à Escala Multidimensional do Ciúme.

Figura 3. Gráfico dos valores próprios referente à Escala Multidimensional do Ciúme



Através do presente gráfico é possível aferir, neste cenário, a existência de cinco fatores. Contudo, como é possível observar no Quadro 3, referente à matriz dos componentes após rotação, os Fatores 4 e 5 eram compostos por apenas um item cada (o item 2 pertencia ao Fator 5 e o item 24 ao Fator 4). Por este motivo, estes dois fatores bem como os respectivos itens não serão considerados no presente estudo. Também os itens 5 e 6 foram eliminados devido a uma alta saturação em mais do que um fator.

Quadro 3: *Saturação dos itens da Escala Multidimensional do Ciúme nos fatores*

| | Componente | | | | |
|--|-------------|-------------|-------------|-------|-------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1. Suspeito que o/a meu/minha parceiro/a se encontra secretamente com outra pessoa. | 0,80 | 0,07 | -0,04 | 0,06 | 0,23 |
| 2. Estou preocupado/a que alguém ande a perseguir o/a meu/minha parceiro/a. | 0,38 | 0,10 | 0,08 | 0,27 | 0,71 |
| 3. Suspeito que o/a meu/minha parceiro/a se sinta atraído/a por outra pessoa | 0,79 | 0,33 | -0,05 | 0,10 | 0,14 |
| 4. Suspeito que o/a meu/minha parceiro/a esteja envolvido/a fisicamente com alguém nas minhas costas | 0,89 | 0,16 | -0,11 | 0,09 | 0,04 |
| 5. Acho que algumas pessoas estão romanticamente interessadas no/a meu/minha parceiro/a. | 0,46 | 0,29 | -0,06 | 0,04 | 0,35 |
| 6. Preocupa-me que alguém esteja a tentar seduzir o/a meu/minha parceiro/a. | 0,36 | 0,39 | 0,34 | -0,07 | 0,48 |
| 7. Acho que o/a meu/minha parceiro/a esteja a ter uma relação íntima secreta com alguém | 0,86 | 0,19 | -0,05 | 0,08 | 0,04 |
| 8. Suspeito que o/a meu/minha parceiro/a se sinta interessado/a por outras pessoas. | 0,88 | 0,21 | -0,04 | 0,10 | -0,03 |
| 9. Mexo nas gavetas, nas pastas ou nos bolsos do/a meu/minha parceiro/a. | -0,06 | 0,52 | -0,08 | 0,50 | 0,17 |
| 10. Telefono inesperadamente ao/à meu/minha parceiro/a apenas para saber onde está. | 0,07 | 0,62 | 0,02 | 0,06 | 0,37 |
| 11. Questiono o/a meu/minha parceiro/a sobre relações românticas antigas e/ou recentes. | 0,40 | 0,57 | -0,06 | -0,15 | 0,13 |
| 12. Costumo dizer algo negativo sobre alguém sobre o/a qual o/a meu/minha parceiro/a mostra algum interesse. | 0,19 | 0,61 | 0,18 | 0,24 | -0,23 |
| 13. Questiono o/a meu/minha parceiro/a sobre os seus telefonemas. | 0,32 | 0,74 | -0,01 | 0,07 | 0,00 |
| 14. Questiono o/a meu/minha parceiro/a sobre os seus paradeiros. | 0,31 | 0,68 | 0,02 | -0,13 | 0,10 |
| 15. Aproximo-me quando vejo o/a meu/minha parceiro/a a falar com alguém. | 0,15 | 0,59 | 0,22 | 0,02 | 0,05 |
| 16. Faço visitas surpresa ao/à meu/minha parceiro/a apenas para ver com quem ele/ela está. | 0,01 | 0,49 | -0,09 | 0,38 | 0,41 |
| 17. O/A seu/sua parceiro/a comenta consigo como alguém é atraente. | 0,30 | 0,10 | 0,42 | 0,61 | -0,10 |
| 18. O/A seu/sua parceiro/a mostra um grande interesse ou entusiasmo em alguém. | 0,02 | 0,28 | 0,75 | 0,16 | -0,01 |
| 19. O/A seu/sua parceiro/a sorri de uma forma muito amigável a outra pessoa. | 0,03 | 0,10 | 0,62 | 0,45 | 0,16 |
| 20. Alguém está constantemente a tentar aproximar-se do/a seu/sua parceiro/a. | -0,03 | 0,11 | 0,72 | 0,09 | -0,07 |
| 21. O/A seu/sua parceiro/a namorisca com alguém. | -0,16 | -0,15 | 0,76 | -0,26 | 0,14 |
| 22. Alguém anda a encontrar-se com o/a seu/sua parceiro/a. | -0,24 | -0,09 | 0,80 | -0,09 | 0,17 |
| 23. O/A seu/sua parceiro/a abraça e beija alguém. | 0,00 | 0,01 | 0,65 | 0,18 | -0,11 |
| 24. O/A seu/sua parceiro/a trabalha ao lado de alguém (na escola ou no escritório). | 0,14 | -0,08 | 0,11 | 0,75 | 0,14 |

Desta forma, manteve-se a estrutura da escala original, em que o Fator 1 é referente à subescala do Ciúme Cognitivo, o Fator 2 corresponde à subescala do Ciúme Comportamental e o Fator 3 corresponde à subescala do Ciúme Emocional.

A nível da consistência interna, no questionário original, as subescalas apresentaram valores elevados no alfa de Cronbach, 0,92 na subescala do Ciúme Cognitivo, 0,86 na subescala do Ciúme Emocional e 0,90 na subescala do Ciúme Comportamental (Pfeiffer & Wong, 1989). Quando aferido para a população portuguesa por Lucas, Pereira e Esgalhado (2012) foram obtidos valores de alfa de Cronbach de 0,86 na subescala Ciúme Emocional, 0,92 na subescala Ciúme Cognitivo e 0,90 na subescala Ciúme Comportamental. No presente estudo, no alfa de Cronbach foram obtidos os valores de 0,94 na subescala de Ciúme Cognitivo, 0,83 na subescala de Ciúme Emocional e 0,83 na subescala de Ciúme Comportamental.

2.2.6. Escala do Modelo de Investimento

A Escala do Modelo de Investimento foi criada por Caryl Rusbult, John Martz e Christopher Agnew (1998), e traduzida por Leal (2009). Avalia quatro construtos, designadamente: o compromisso, o grau de satisfação com a relação, qualidade das alternativas e nível de investimento. A subescala de Satisfação na Relação tem como objetivo avaliar o grau em que um parceiro atende às necessidades mais importantes do indivíduo, como intimidade, companheirismo, sexualidade, segurança e envolvimento emocional (e.g., “A nossa relação faz-me muito feliz”). A subescala da Qualidade das Alternativas procura avaliar a possibilidade de relacionamentos alternativos, a solidão ou passar tempo com amigos e familiares poder satisfazer as necessidades do indivíduo (e.g., “As pessoas, que não o meu parceiro, com as quais poderia vir a envolver-me, são muito atraentes”). A subescala do nível de Investimento, por sua vez, pretende avaliar os recursos previamente investidos ou criados pela relação e que se perderiam se esta terminasse, como o tempo investido na relação, vida intelectual e memórias partilhadas (i.e., “Muitos aspetos da minha vida têm-se interligado ao meu parceiro (atividades recreativas, etc.), e eu perderia tudo isso se a relação terminasse”). Por fim, a subescala do Compromisso visa avaliar o nível de empenho em permanecer na atual relação (e.g., “Sinto-me muito vinculado à nossa relação – muito fortemente ligado ao meu parceiro”).

Existem dois tipos de itens para avaliar as primeiras três subescalas: os itens faceta e os itens globais. Enquanto que os itens faceta medem exemplos concretos de cada

construto e permitem ao participante ponderar acerca do construto de forma concreta (e.g., “Contei ao meu parceiro muitas coisas íntimas acerca de mim (conto-lhe segredos)”), os itens globais medem o construto na sua generalidade (e.g., “Sinto-me muito envolvido/a na nossa relação – investi muito nela.”). A abordagem com os dois tipos de itens foi utilizada para que os participantes conseguissem perceber de forma clara os componentes em estudo e pensar sobre eles, explicando-os concretamente antes de serem apresentados de forma mais geral e subjetiva. Leal (2009) refere que os itens faceta aumentam a compreensão dos itens globais, consequentemente conferindo-lhes maior precisão e validade. Uma vez que os itens faceta apenas têm como função aumentar a compreensão dos itens globais, não são incluídos na análise da consistência interna e no cálculo dos resultados (Rusbult et al., 1998; Leal, 2009). As respostas aos itens faceta são dadas através de uma escala de Likert, variando entre 1, “Discordo Completamente” e 4, “Concordo Completamente”. Por sua vez, as respostas aos itens globais são dadas através de uma escala de Likert variando entre 0, “Discordo Completamente” e 8, “Concordo Completamente”.

Na subescala do Compromisso, existem 7 itens, cuja avaliação é feita através de uma escala de Likert que varia entre 0, “Discordo Completamente” e 8, “Concordo Completamente”, sendo que os itens 3 e 4 são invertidos.

No estudo de Rusbult, Martz e Agnew (1998) os alfas de Cronbach apresentados pelas subescalas foram: 0,94 na subescala da Satisfação com a Relação, 0,88 na subescala da Qualidade das Alternativas, 0,82 na subescala do nível de Investimento e, por fim, 0,95 na subescala do Compromisso. É importante relembrar que estes são os alfas dos itens globais. Para os mesmos itens, o alfa de Cronbach no presente estudo da subescala da Satisfação com a Relação foi de 0,88, o da subescala da Qualidade das Alternativas foi de 0,85, o da subescala do nível de Investimento foi de 0,85 e o da subescala do Compromisso foi de 0,93.

2.3. Procedimentos

Inicialmente, procedeu-se à definição da temática em estudo. De seguida, à luz da temática escolhida, foram selecionados os instrumentos que melhor mediam as variáveis pretendidas e procedeu-se à definição dos critérios de exclusão: ter menos de 18 anos e não estar numa relação romântica. Além disto, uma vez que a investigação é feita através de questionários escritos em português, presume-se que pessoas com capacidade

insuficiente de leitura e interpretação na língua portuguesa também não tenham feito parte do estudo.

A base de dados foi recolhida na Plataforma online Qualtrics subscrita pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. A amostra foi recolhida através da divulgação do link da plataforma, através de um pedido de participação partilhado nas redes sociais (Anexo A), seguindo depois por amostragem “bola de neve”. A recolha da amostra decorreu maioritariamente no primeiro semestre de 2020.

Antes do questionário iniciar, foi apresentado aos participantes o formulário de consentimento informado (Anexo B). Neste formulário foram fornecidas informações sobre o anonimato e a confidencialidade das respostas, bem como a possibilidade de desistência a qualquer momento e a disponibilização de dois endereços de correio eletrónico para o esclarecimento de possíveis dúvidas acerca do estudo.

Após o participante aceitar participar voluntariamente na investigação e confirmar que a sua idade era igual ou superior a 18 anos e se encontrava numa relação romântica, dava-se início ao preenchimento dos instrumentos. O primeiro instrumento a ser apresentado era o questionário sociodemográfico, seguido pela Escala do Valor Enquanto Parceiro, a Escala das Motivações Percebidas do Parceiro Para a Fidelidade, a Escala Da Vinculação, o Modelo do Investimento e, por fim, a Escala Multidimensional do Ciúme.

Todos os itens eram de resposta obrigatória, desta forma o participante não conseguia seguir em frente com o questionário até ter todas as questões preenchidas, recebendo o aviso das respostas em falta. Isto deu-se de forma a impedir que os participantes se esquecessem de responder a alguma questão e a evitar dados omissos.

2.4. Análise Estatística

Para a análise estatística dos dados obtidos, foi utilizada a versão 26.0 do SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). O primeiro procedimento foi a averiguação das medidas de precisão para todas as escalas utilizadas, através do cálculo do alfa de Cronbach, uma vez que este é o índice de precisão mais utilizado em psicometria.

De seguida, considerou-se importante realizar uma análise fatorial da Escala das Motivações Percebidas do Parceiro Para a Fidelidade (Viegas & Moreira, 2015) e da Escala do Valor do Próprio e do Parceiro Enquanto Parceiros (Edlund & Sagarin, 2014) posto que foram acrescentados novos itens. Devido ao facto de que poucos foram os estudos feitos com a Escala Multidimensional do Ciúme (Pfeiffer & Wong, 1989) na

população portuguesa e por medir um dos construtos principais do presente estudo, procedeu-se também à análise fatorial da mesma. Para extrair os fatores em análise, foi realizada a análise em componentes principais e, de seguida, a rotação Varimax. De forma a determinar o número de fatores a extrair, considerou-se o “método do cotovelo” ou gráfico de valores próprios. Este método pressupõe que, à medida que a variância comum vai sendo extraída, os fatores vão explicando uma proporção menor, chegando a um ponto em que só resta variância específica e aleatória. Este ponto, que faz um “cotovelo”, apresenta-se num gráfico que represente os sucessivos valores próprios (Moreira, 1999).

Em seguida, recorreu-se ao programa estatístico IBM SPSS Amos (versão 26.0) para uma abordagem geral de análise de dados conhecida como modelação por equações estruturais (*Structural Equation Modeling, SEM*), também conhecida como análise de covariâncias estruturais ou modelação causal. Esta abordagem é importante na compreensão de modelos causais e da relação entre variáveis, quer observáveis quer latentes (Arbuckle, 2011). Contudo, neste estudo só foram usadas variáveis observáveis.

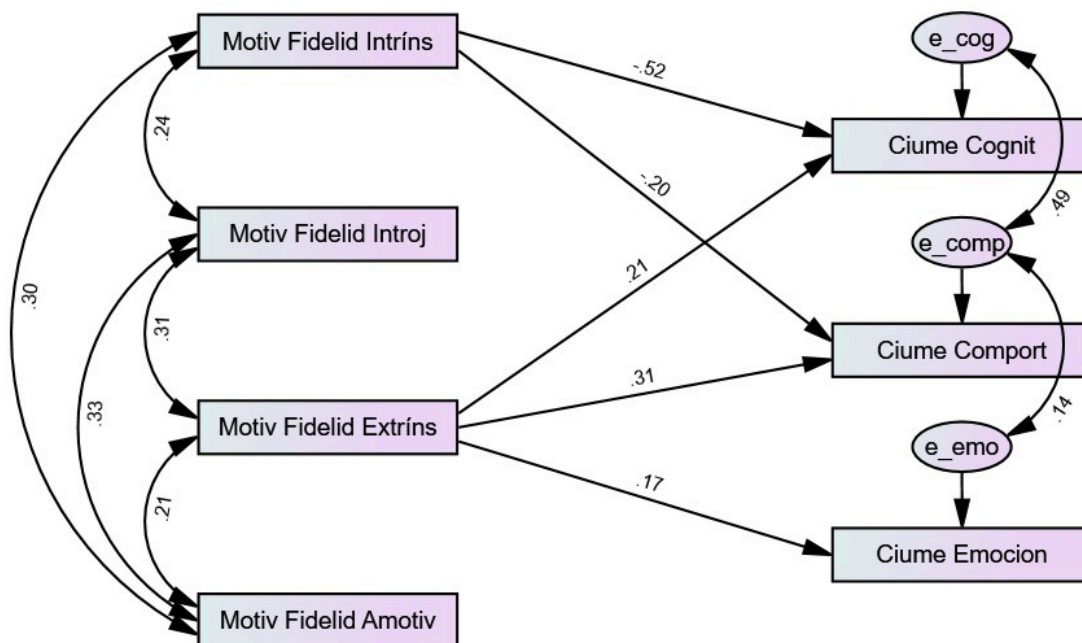
O modelo de equações estruturais depende de vários testes estatísticos para determinar a adequação do ajuste do modelo aos dados (Suhr, 2006). Num modelo com um bom ajuste, o rácio entre o χ^2 (qui quadrado) e os gl (graus de liberdade) deverá ser igual ou inferior a 2 (Schreiber et al., 2006). O *CFI* (*Comparative Fit Index*) é igual à função de discrepância ajustada para o tamanho da amostra. *CFI* varia de 0 a 1, sendo que quanto maior o valor, melhor é o ajuste do modelo (Suhr, 2006). É considerado um modelo com bom ajuste quando o *CFI* é superior a 0,95. Por sua vez, o *NFI* (*Normed Fit Index*) também varia entre 0 e 1, sendo que quanto maior o valor, melhor será o ajuste do modelo. Para que o modelo tenha um bom ajuste, o *NFI* terá de ser superior a 0,95 (Schreiber et al., 2006). Por fim, o *RMSEA* (*Root Mean Square Error of Approximation*) está relacionado com os residuais no modelo. Os valores *RMSEA* variam de 0 a 1, sendo que quanto menor o valor *RMSEA* melhor é o ajuste do modelo (Suhr, 2006). Preferencialmente o valor do *RMSEA* deverá ser inferior a 0,06 (Schreiber et al., 2006).

Os modelos de equações estruturais foram contruídos considerando todos os efeitos possíveis (i.e., de e sobre todas as facetas dos construtos), de acordo com as hipóteses em estudo. Posteriormente, foram eliminados todos os efeitos que não se mostraram significativos, não atingindo o valor de $p < 0,1$. Este critério de significância foi escolhido para evitar a eliminação de um número excessivo de efeitos, pelo que, na interpretação destes, deverá ser igualmente tida em conta a sua magnitude. Desta forma, os modelos finais só apresentam os efeitos que se revelaram significativos de acordo com este critério.

3. Resultados

O modelo de equações estruturais dos efeitos das concepções pessoais sobre o ciúme, apresentado na Figura 4, foi contruído para testar a hipótese *H1*: “As concepções pessoais, operacionalizadas pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade, influenciam o ciúme, nas suas várias facetas”. O ajustamento deste modelo é excelente: $\chi^2(9) = 6,73$, $p = 0,67$, $\chi^2/g1 = 0,75$, $NFI = 0,97$, $CFI = 1,00$, $RMSEA = 0,00$.

Figura 4. Modelo de equações estruturais dos efeitos das concepções pessoais sobre o ciúme

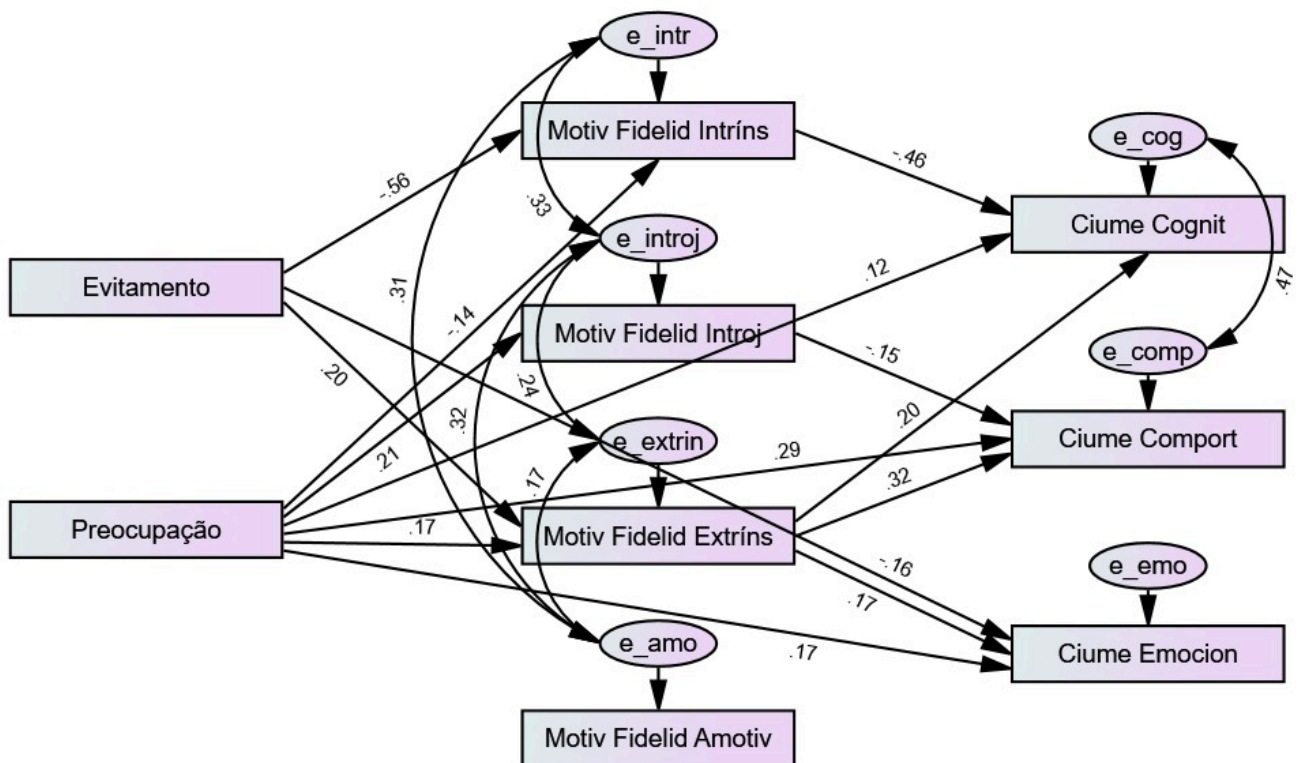


Os resultados apresentados estão de acordo com a hipótese *H1*, uma vez que todas as variáveis do ciúme recebem efeito significativo de variáveis das concepções pessoais. Embora a amotivação e a motivação introjetada não tenham qualquer efeito significativo em nenhum estilo de ciúme, é possível observar que a motivação intrínseca tem efeitos negativos no ciúme cognitivo e no ciúme comportamental. Por sua vez, a motivação extrínseca tem efeito nas três variantes do ciúme: cognitivo, comportamental e emocional. Isto significa que os indivíduos que creem que os seus parceiros lhes são fiéis por motivos intrínsecos sentem menos ciúme cognitivo e envolvem-se menos em estratégias comportamentais usadas para lidar com a angústia emocional.

É possível, também, verificar que há um efeito em todos as vertentes de ciúme (cognitivo, comportamental e emocional) quando a motivação percebida do indivíduo para a fidelidade do parceiro é extrínseca. Ou seja, quando o indivíduo acredita que o parceiro apenas lhe é fiel por temer possíveis consequências, todos os tipos de ciúme se intensificam. É ainda interessante salientar que todos os tipos de motivações se correlacionam significativamente, com exceção das motivações intrínseca e extrínseca.

O modelo de equações estruturais apresentado na Figura 5 foi construído de forma a testar a H2: “A influência das dimensões do estilo de vinculação sobre o ciúme, nas suas várias facetas, é mediada pelas concepções pessoais, operacionalizadas pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade”. Assim, visa avaliar como os estilos de vinculação influenciam as motivações percebidas do parceiro para a fidelidade que, por sua vez, influenciam o ciúme nas suas várias facetas (cognitiva, comportamental e emocional). Ou seja, o modelo apresenta o efeito mediador das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade entre os estilos de vinculação e as diferentes dimensões do ciúme. O ajustamento deste modelo é excelente: $\chi^2(16) = 12,74, p = 0,69, \chi^2/gl = 0,80, NFI = 0,96, CFI = 1,00, RMSEA = 0,00$.

Figura 5. Modelo de equações estruturais do efeito dos estilos de vinculação no ciúme, mediado pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade



Em relação à hipótese *H2*, é possível observar que a evitação está associada a um nível mais baixo de motivações intrínsecas e mais elevado de motivações extrínsecas. Já a preocupação parece levar a uma diminuição da percepção das motivações intrínsecas e aumento da percepção das motivações extrínseca e introjetada. Contudo, a amotivação parece não ser afetada pelos estilos de vinculação.

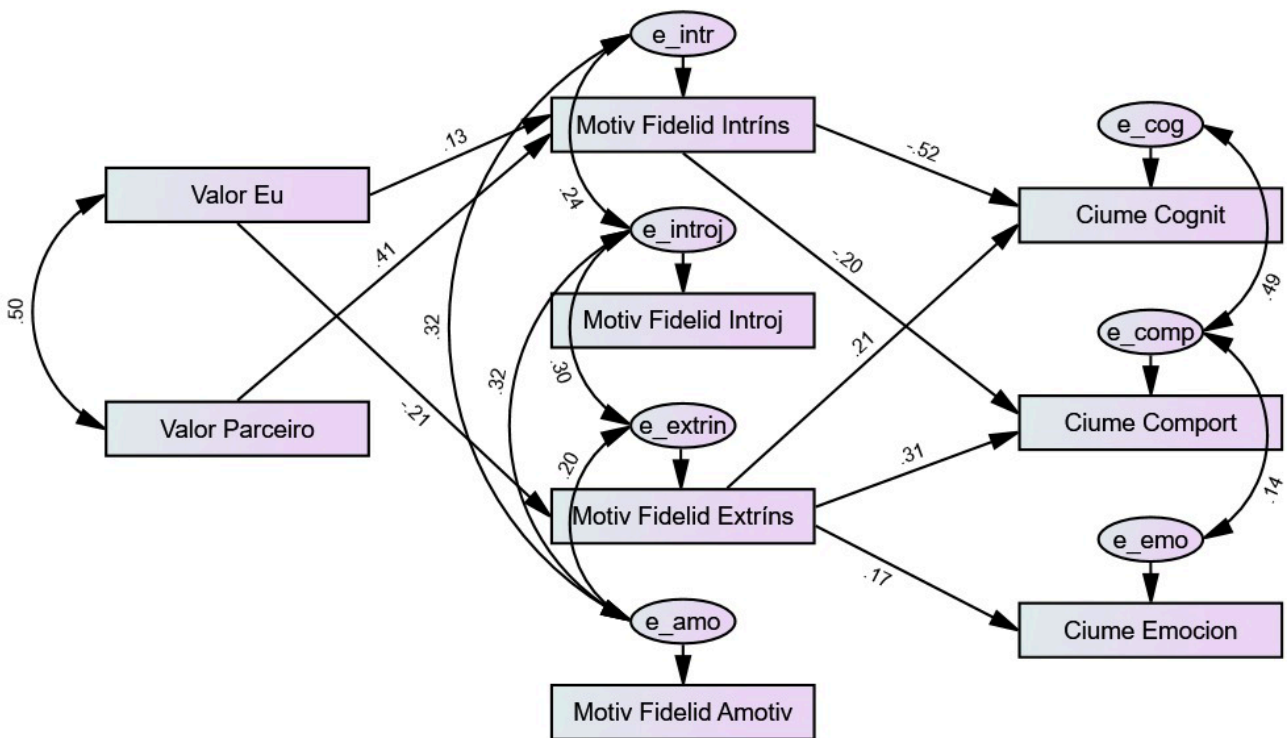
Para além do efeito direto da diminuição da evitação no ciúme emocional, esta também influencia este tipo de ciúme, através das motivações extrínsecas ($0,20 * 0,17 = 0,03$). A significância destes efeitos de mediação não pôde ser testada visto que o software AMOS não permite a realização do procedimento de *bootstrap*, considerado atualmente como o mais adequado para esse propósito, quando existem dados omissos. Note-se que o efeito indireto em parte atenua o efeito direto, contudo o efeito global continua a ser negativo, ou seja, a evitação estará associada a menos ciúme emocional ($0,03 + (-0,16) = -0,13$). Embora não haja um efeito direto da evitação no ciúme cognitivo nem no ciúme comportamental, é possível verificar que existe efeito indireto, através das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade. Assim, existem efeitos da evitação no ciúme cognitivo mediados pela motivação intrínseca ($-0,56 * -0,46 = 0,26$) e pela motivação extrínseca ($0,20 * 0,20 = 0,04$), sendo o efeito global a soma destes dois efeitos mediados, totalizando 0,30. É possível também reportar efeitos da evitação no ciúme comportamental mediados pelas motivações extrínsecas ($0,20 * 0,32 = 0,06$). Assim, a evitação está associada a mais ciúme cognitivo e mais ciúme comportamental.

Quanto à preocupação, exerce efeitos diretos no ciúme cognitivo, no ciúme comportamental e no ciúme emocional. Existem ainda efeitos da preocupação mediados pela motivação intrínseca ($-0,14 * -0,46 = 0,06$) e extrínseca ($0,17 * 0,20 = 0,03$) no ciúme cognitivo e, a soma destes efeitos mediados com o efeito direto perfaz um efeito total de 0,21. Para além destes, existem também os efeitos da preocupação no ciúme comportamental mediados pela motivação introjetada ($0,21 * -0,15 = -0,03$) e pela motivação extrínseca ($0,17 * 0,32 = 0,05$), sendo que a soma destes dois efeitos mediados com o efeito direto perfaz um efeito total de 0,31. Por fim, é possível ainda observar uma influência da preocupação no ciúme emocional mediado pelas motivações extrínsecas percebidas do parceiro para a fidelidade ($0,17 * 0,17 = 0,03$) e a soma deste efeito com o efeito direto perfaz o efeito total de 0,20. Assim, apesar de existirem efeitos mediados pelas conceções pessoais, os efeitos diretos entre a preocupação e os tipos de ciúme são de maior magnitude.

Perante isto, é possível afirmar que os resultados estão de acordo com a hipótese *H2*, uma vez que existem efeitos diretos, bem como efeitos mediados pelas concepções pessoais, entre os estilos de vinculação e os tipos de ciúme.

De forma a testar a influência do valor do próprio e do parceiro nas motivações percebidas para a fidelidade, ou seja, a hipótese *H3*, foi criado o modelo de equações estruturais da Figura 6. O modelo ajuda também a perceber qual o efeito do valor do próprio e do parceiro no ciúme, assim como o efeito mediador das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade entre estes dois construtos. O ajustamento do modelo é: $\chi^2(20) = 10,79, p < 0,95, \chi^2/g1 = 0,54, NFI = 0,97, CFI = 1,00, RMSEA = 0,00$. Assim, o ajustamento do modelo é considerado excelente.

Figura 6. Modelo de equações estruturais do efeito do valor do próprio e do parceiro no ciúme, mediado pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade



Algo que é possível observar de forma clara na Figura 6 é a falta de qualquer efeito envolvendo as motivações introjetadas percebidas do parceiro para a fidelidade, assim como a amotivação. Estas duas dimensões da motivação parecem não sofrer qualquer efeito do valor percebido do próprio e do parceiro enquanto parceiros, nem ter qualquer impacto nos diferentes tipos de ciúme. Também é possível concluir que o valor percebido do próprio e do parceiro enquanto parceiros não exerce nenhum efeito direto sobre o

ciúme. Ou seja, todos os efeitos são mediados pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade.

Em relação ao valor percebido do próprio enquanto parceiro, existe uma influência na motivação intrínseca e na motivação extrínseca para a fidelidade. Através da motivação intrínseca para a fidelidade, o valor percebido do próprio enquanto parceiro tem influência no ciúme cognitivo ($0,13 * -0,52 = -0,07$) e no ciúme comportamental ($0,13 * -0,20 = -0,03$).

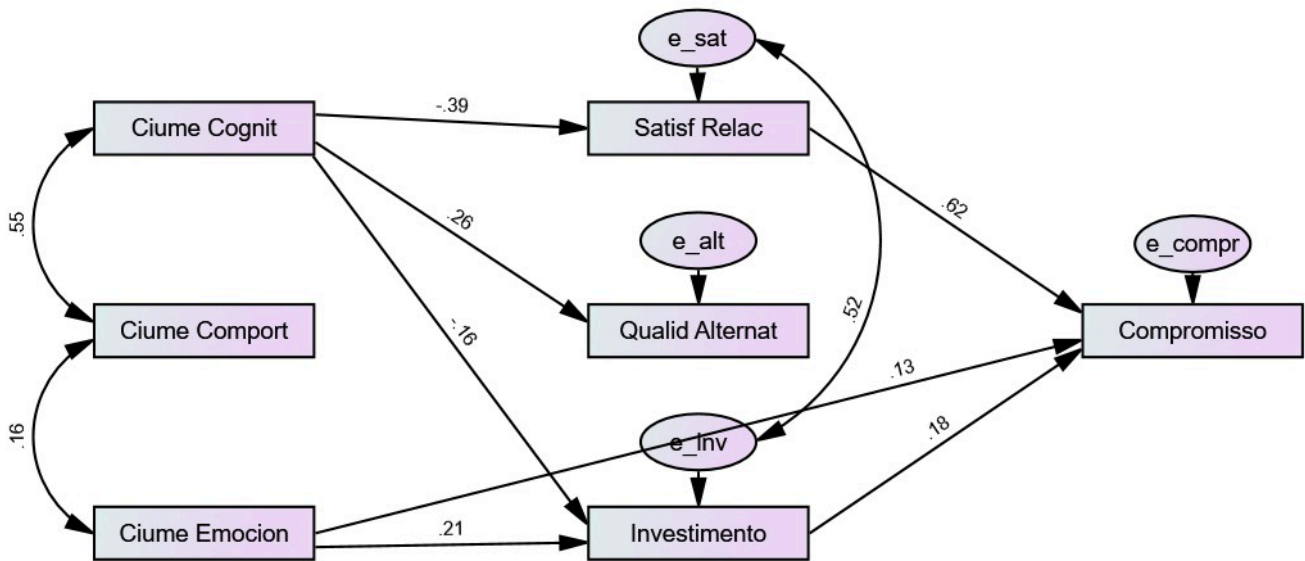
Existe também um efeito do valor percebido do próprio enquanto parceiro mediado pela motivação extrínseca para a fidelidade no ciúme cognitivo ($-0,21 * 0,21 = -0,04$), comportamental ($-0,21 * 0,31 = -0,07$) e, emocional ($-0,21 * 0,17 = -0,04$). Desta forma, verifica-se que o efeito total do valor do próprio sobre o ciúme cognitivo é de $-0,11$ e do comportamental é de $-0,10$, que é a soma dos efeitos mediados pela motivação extrínseca e pela motivação intrínseca.

Quanto ao valor percebido do parceiro enquanto parceiro, este tem uma influência na motivação intrínseca para a fidelidade, que por sua vez vai mediar os efeitos que tem no ciúme cognitivo ($0,41 * -0,52 = -0,21$) e no ciúme comportamental ($0,41 * -0,20 = -0,08$).

Em suma, ainda que não haja efeitos diretos entre o valor percebido do próprio e do parceiro enquanto parceiros e o ciúme, existem efeitos entre estes dois construtos mediados pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade. Por isso, podemos concluir que os dados estão de acordo com a hipótese *H3*.

O modelo de equações estruturais apresentado na Figura 7 foi contruído para testar a *H4*: “O ciúme, nas suas várias facetas, influencia a qualidade da relação tal como é operacionalizada pelo modelo do investimento”. Desta forma, o modelo avalia os efeitos das várias facetas do ciúme (cognitivo, emocional e comportamental) na satisfação com a relação, na perceção da qualidade das alternativas e na valorização do investimento passado que, por sua vez, influenciam o compromisso. O ajustamento deste modelo tem como resultados: $\chi^2(11) = 11,34, p = 0,42, : \chi^2/gl = 1,03, NFI = 0,96, CFI = 1,00, RMSEA = 0,01$. Isto significa que o ajustamento do presente modelo é excelente.

Figura 7. Modelo de equações estruturais do efeito do ciúme no modelo do investimento



No presente modelo é possível observar que o ciúme cognitivo tem efeito em todas as variáveis do modelo do investimento, ou seja, influencia negativamente a satisfação na relação e o investimento e positivamente a qualidade das alternativas. O ciúme comportamental não tem efeitos em nenhuma das variáveis que integram o modelo do investimento. Por sua vez, o ciúme emocional influencia positivamente o investimento. O compromisso é influenciado diretamente pelo ciúme emocional, mas também através do efeito mediado pelo investimento ($0,21 * 0,18 = 0,04$), o que origina um efeito total de 0,17. Por sua vez, o ciúme cognitivo tem efeito no compromisso através da satisfação na relação ($-0,39 * 0,62 = -0,24$) e do investimento ($-0,16 * 0,18 = -0,03$), gerando um efeito total de -0,27.

Prestando atenção aos resultados supra apresentados, é possível verificar que os resultados vão ao encontro da hipótese *H4*, uma vez que o ciúme cognitivo tem influência direta na satisfação com a relação, na qualidade das alternativas e no investimento, e influência indireta, mediada pela satisfação na relação e investimento, sobre o compromisso. Por sua vez, o ciúme emocional tem influência direta no investimento e influência direta e indireta no compromisso. Contudo, o ciúme cognitivo não apresentou qualquer efeito sobre nenhuma destas variáveis. É ainda interessante referir que, no presente modelo, não existe efeito da qualidade das alternativas no compromisso, ao contrário do que seria expectável. Os efeitos do ciúme cognitivo sobre a qualidade das relações são negativos, enquanto os efeitos do ciúme emocional são positivos. Isto é, o

ciúme cognitivo diminui a satisfação com a relação, aumenta a qualidade percebida das alternativas, diminui a percepção do valor do investimento e diminui o compromisso. Já o ciúme emocional aumenta diretamente o compromisso, aumenta a percepção do investimento, e através disto também aumenta indiretamente a percepção do compromisso. Desta forma, é possível verificar que o ciúme cognitivo contribui negativamente para a qualidade das relações, enquanto o ciúme emocional contribui positivamente.

4. Discussão

Os objetivos do presente estudo são compreender o papel das concepções pessoais no ciúme. Para isso, procurou-se encontrar uma forma eficaz de compreender e operacionalizar estas concepções pessoais. O que se concluiu foi que a forma mais eficiente de as operacionalizar seria através das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade. A partir da avaliação das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade é possível ter uma melhor compreensão das concepções pessoais que as pessoas têm acerca de porque é que acontecem as situações indutoras de ciúme, a ameaça percebida por parte de parceiros rivais, o que esperar destas situações e que significado têm para si.

Ao compreender o significado inferido pelos indivíduos sobre as motivações percebidas do parceiro para a fidelidade, é possível perceber as concepções que as pessoas têm das situações geradoras de ciúme, e como as mesmas podem ser preditivas de como vão pensar, sentir e reagir em situações indutoras de ciúmes.

Procedeu-se ainda à investigação do papel desempenhado pelo estilo de vinculação e pelo valor enquanto parceiro na determinação destas concepções. Posteriormente, procurou-se perceber como o ciúme impacta a satisfação com a relação, a qualidade percebida das alternativas, o investimento e, por consequente, o compromisso.

Seria legítimo esperar que quando um indivíduo acredita que o seu parceiro lhe é fiel por motivos intrínsecos, ou seja, o locus de causalidade percebido é interno (i.e., existe uma vontade própria para se manter fiel; Deci et al., 1981) e não uma vontade ligada ao receio de represálias, existe uma diminuição nos comportamentos e pensamentos ligados ao ciúme. E os resultados obtidos, no presente estudo, foram convergentes com esta expectativa. Porém, os resultados também demonstraram que, quando a motivação percebida do parceiro para o não envolvimento em comportamentos extrarrelacionais é extrínseca, ou seja, apenas porque teme as consequências e não porque não o quer

realmente fazer, o ciúme emocional, cognitivo e, principalmente, o comportamental aumentam. Isto significa que o indivíduo acredita que, caso o seu parceiro pensasse que o poderia trair sem que houvesse represálias, o faria, e sente que o risco de ser traído é maior. Por outras palavras, se a única coisa que impede o parceiro de cometer uma infidelidade é o medo das consequências, então o risco de haver uma infidelidade é maior e, por consequente, o ciúme aumenta. Isto também se pode dar porque é possível que se o indivíduo acredita que a atitude do parceiro perante a relação é esta, pode ter uma atitude mais negativa em relação ao parceiro e isso levar a uma maior experiência de ciúmes. É também legítimo hipotetizar que, quando os indivíduos acreditam que a fidelidade do parceiro se deve apenas às possíveis consequências, estes tentam assegurar que realmente haverá consequências numa possível situação de infidelidade, de forma a dissuadir o parceiro, o que incentiva o ciúme comportamental.

Isto vai ao encontro de estudos previamente feitos que referem que os níveis de ciúme são mais elevados quando é aferida intencionalidade à ação do parceiro (Bauerle et al., 2002). Apesar disto, ao contrário do que seria esperado, as motivações percebidas introjetadas e a amotivação parecem não ter efeitos significativos sobre nenhuma das facetas do ciúme. Era esperado que as motivações percebidas introjetadas fossem geradoras de ciúmes, uma vez que não estão tão internalizadas quanto as motivações intrínsecas. Porém, isto não aconteceu. Uma justificação possível para o facto de isto não ter acontecido é que a motivação introjetada acaba por ter componentes tanto da motivação intrínseca como da extrínseca, ou seja, é constituída por motivações parcialmente internalizadas, mas não totalmente. Uma vez que se encontra entre as motivações intrínsecas e as extrínsecas, que têm influências opostas no ciúme, é possível que estas influências se anulem e a motivação introjetada acabe por não ter um efeito significativo. Ainda assim, os resultados apresentados estão de acordo com a hipótese *H1*, uma vez que duas das facetas das concepções pessoais influenciaram o ciúme.

No que concerne os estilos de vinculação, os resultados apresentados no presente estudo revelam que tanto o estilo de vinculação evitante quanto o preocupado têm influência não só diretamente no ciúme, como através das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade. Indivíduos com o estilo de vinculação evitante parecem não acreditar que os seus parceiros tenham motivações intrínsecas para se manterem fiéis e, uma vez que uma maior crença neste tipo de motivações leva a uma diminuição do ciúme cognitivo, o efeito final será o de o estilo de vinculação evitante levar a um aumento do ciúme cognitivo. Este estilo de vinculação apresentou uma relação direta negativa com o

ciúme emocional, como seria de esperar perante os seus modelos de funcionamento interno, visto que, em geral, o estilo de vinculação evitante tem tendência para menos reatividade emocional e uma atitude mais distante relativamente às relações interpessoais (Simpson, 1990; Pietromonaco et al., 2004; Harris & Darby, 2010). Assim, esperar-se-ia que houvesse menos reação emocional por parte dos indivíduos com este estilo de vinculação, em geral. Contudo, o estilo de vinculação evitante apresentou resultados que indicam que exerce um aumento no ciúme cognitivo, comportamental e emocional mediado pelas motivações extrínsecas percebidas do parceiro para a fidelidade. Uma vez que acreditam que a fidelidade do parceiro se deve a motivos extrínsecos, e como a perceção de motivação extrínseca leva a mais ciúme cognitivo e comportamental, este efeito leva a prever que a vinculação evitante implica mais ciúme cognitivo e comportamental. Ainda que a motivação extrínseca também tenha um efeito positivo no ciúme emocional, o efeito negativo direto do estilo de vinculação evitante no ciúme emocional pode anular o efeito anterior. Isto vai ao encontro da literatura, uma vez que o estilo de vinculação evitante está ligado a baixos níveis de confiança (Simpson, 1990) e à crença de que os outros estarão emocionalmente indisponíveis e indiferentes (Pietromonaco et al., 2004), bem como à pouca valorização das relações românticas em que se envolvem (Harris & Darby, 2010). Assim, o estilo de vinculação evitante estará ligado a uma maior experiência de ciúme cognitivo e comportamental, mas não de ciúme emocional.

Quanto ao estilo de vinculação preocupado, existe uma influência positiva direta do mesmo em todas as facetas do ciúme: cognitiva, comportamental e emocional. Para além da influência direta do estilo de vinculação preocupado nas diversas facetas do ciúme, houve ainda influências mediadas pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade. Nomeadamente, os indivíduos com o estilo de vinculação preocupado acreditam menos que o seu parceiro lhes é fiel devido a motivos intrínsecos e isso faz com que o ciúme cognitivo que experienciam seja maior. Este resultado é convergente com o efeito direto entre o estilo de vinculação preocupado e o ciúme cognitivo.

Por outro lado, também se verifica que o estilo preocupado se associa a uma maior crença na motivação percebida introyetada do parceiro para o não envolvimento em comportamentos extrarrelacionais, o que tende a levar a um menor ciúme comportamental. Ou seja, este é um mecanismo que pode levar a que as pessoas preocupadas tenham menos ciúme comportamental. Contudo, o efeito direto do estilo de vinculação preocupado no ciúme comportamental é positivo, e este efeito positivo vai

contrariar o efeito negativo mediado pela crença na motivação percebida introjetada. Ao contrariar o efeito do estilo preocupado sobre o ciúme comportamental, este pode ser um pequeno fator de proteção destes indivíduos, que se dá porque existe a crença que o parceiro tem um certo sentimento de dever e obrigação para consigo, o que diminui o risco percebido da infidelidade efetivamente acontecer.

Existe ainda uma influência do estilo de vinculação preocupado nas motivações extrínsecas percebidas do parceiro para a fidelidade. Isto significa que os indivíduos preocupados creem que os seus parceiros lhes são fiéis por motivos externos. Quando o impacto do estilo preocupado no ciúme é mediado pela motivação percebida extrínseca, existe um aumento na experiência do ciúme cognitivo, comportamental e emocional. Estes resultados somam-se às relações diretas encontradas entre o estilo preocupado e as diferentes facetas do ciúme.

Desta forma, é possível afirmar que indivíduos preocupados sentem mais angústia quando deparados com uma situação indutora de ciúme, envolvem-se em mais estratégias comportamentais para lidar com essa angústia e têm mais pensamentos relacionados com o assunto. Isto vai ao encontro dos modelos de funcionamento internos do estilo de vinculação preocupado, em que existe muita insegurança sobre a estabilidade das relações, falta de confiança, ativação emocional intensa quando confrontados com conflitos (Simpson, 1990) e envolvimento em comportamentos de vigilância (Harris & Darby, 2010). Perante isto, é possível afirmar que os resultados vão ao encontro da hipótese *H2*.

Quanto ao valor enquanto parceiro, não parecem existir efeitos diretos do valor percebido do parceiro enquanto parceiro e do valor percebido do próprio enquanto parceiro no ciúme. Contudo, existem alguns efeitos mediados pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade. O valor percebido do próprio enquanto parceiro está associado a mais crenças de motivação intrínseca para a fidelidade por parte do parceiro. Por sua vez, estas crenças são preditivas de menos ciúme cognitivo e menos ciúme comportamental. De modo análogo, uma maior crença no valor percebido do próprio enquanto parceiro parece promover uma diminuição das crenças na importância das motivações extrínsecas por parte do parceiro. Uma vez que a crença na motivação extrínseca percebida do parceiro para a fidelidade faz aumentar todas as facetas do ciúme, o efeito do valor percebido do próprio enquanto parceiro sobre ciúme é negativo. Em suma, o valor do eu enquanto parceiro parece contribuir para diminuir as reações de ciúme

e estes efeitos são totalmente mediados pelas percepções das motivações intrínsecas e extrínsecas do parceiro para a fidelidade.

Já o valor percebido do parceiro enquanto parceiro, quando mediado pela motivação intrínseca para a fidelidade, tem um efeito negativo no ciúme cognitivo e no ciúme comportamental. Isto pode dar-se uma vez que o valor atribuído ao parceiro pode passar pela confiança que se tem no mesmo e, assim, o valor do parceiro enquanto parceiro pode ser alto devido à crença que este é fiel e de confiança. Daí que este valor atribuído ao parceiro enquanto parceiro esteja ligado às motivações intrínsecas percebidas para a fidelidade e, conseqüentemente, a uma diminuição no ciúme cognitivo e comportamental. Quanto mais atitudes pró-relacionais são conferidas ao parceiro, menos ciúmes serão sentidos, porque existe confiança. É também possível que este efeito aconteça devido à forma como a escala utilizada (Escala do Valor Enquanto Parceiro) está construída, não se focando apenas na atratividade do parceiro. A atratividade física é uma das características mais referidas pela psicologia evolutiva no estudo do valor enquanto parceiro, e é a característica mais ligada ao ciúme quando se estuda o efeito do valor enquanto parceiro (Brown & Moore, 2003; Pines & Aronson, 1983). Para além disto, é importante referir que a duração média das relações dos indivíduos que participaram no presente estudo é de 15,31 anos. Isto significa que a duração média das relações é muito longa e, possivelmente pessoas em relações longas tendem a valorizar outro tipo de aspetos que não a atratividade física. Desta forma, podemos concluir que os resultados vão ao acordo da hipótese *H3*.

Quanto às implicações do ciúme na qualidade das relações, operacionalizada através da Escala do Modelo do Investimento, foram encontrados resultados interessantes. O ciúme cognitivo parece ter efeitos negativos na qualidade das relações, o ciúme comportamental não parece apresentar efeitos significativos e o ciúme emocional parece ter efeitos favoráveis.

Ainda que não tenha sido encontrado um efeito direto do ciúme cognitivo no compromisso, foram encontrados efeitos mediados pela satisfação com a relação e pelo investimento. Isto significa que, quando existe ciúme cognitivo, existe uma menor satisfação com a relação e, conseqüentemente, um menor compromisso. A percepção dos investimentos passados também parece diminuir quando o ciúme cognitivo aumenta, diminuindo também o compromisso com a relação. Foi ainda encontrada uma relação positiva significativa na relação entre a qualidade das alternativas e o ciúme cognitivo. Isto vem reforçar a teoria de Bevan (2008), que teorizou que a relação positiva entre estes

dois construtos acontece porque os indivíduos que acreditam possuir alternativas de alta qualidade podem acreditar que os seus parceiros também têm a mesma gama de opções.

Algo inesperado, na presente investigação, foi o facto de o ciúme comportamental não ter qualquer efeito significativo, nem positivo nem negativo, em nenhuma das variáveis apresentadas para medir a qualidade da relação. É possível teorizar que a falta de efeito significativo se deve à ocorrência de vários efeitos em simultâneo. De facto, a literatura aponta que o ciúme comportamental pode ser deteriorante para as relações românticas, mas também refere que pode ter consequências positivas na mesma. Se o indivíduo se envolve em comportamentos para prevenir a possibilidade de infidelidade, pode acabar por estabilizar a relação, levando a uma maior qualidade e longevidade da mesma (Sheets et al., 1997). Inclusivamente, por vezes, existe a indução deliberada do ciúme na tentativa de defesa e melhoria do relacionamento (Mattingly et al., 2012). Isto pode levar a um maior investimento na relação e um maior esforço de manutenção da relação. Outro possível efeito positivo do ciúme comportamental é a sinalização para o parceiro de que a pessoa valoriza a relação e não a quer perder. Desta forma, uma vez que o ciúme comportamental tem efeitos positivos e negativos na qualidade das relações, é possível que o efeito líquido do balanço total não seja muito positivo nem negativo e por isso não atinja a significância.

Já o ciúme emocional parece demonstrar um efeito positivo direto no compromisso, bem como um efeito positivo na perceção de investimento passado na relação e, conseqüentemente, no compromisso. É possível que isto aconteça visto que a reação afetiva que está associada ao ciúme emocional faz com que haja uma sobrevalorização dos investimentos passados e que a pessoa não quer perder, o que leva a uma perceção maior do compromisso, devido ao medo intenso de perder a relação. Isto é consensual com os resultados anteriormente apresentados de que existe uma relação positiva entre o ciúme romântico e o investimento numa relação amorosa (Bevan, 2008).

Como foi referido anteriormente, os resultados apontaram para a existência de um efeito significativo das motivações extrínsecas no ciúme emocional, e esta relação pode ajudar a entender como o ciúme emocional impacta positivamente o investimento. As motivações extrínsecas estão relacionadas ao medo que o indivíduo tem das possíveis consequências da infidelidade. Ou seja, as motivações extrínsecas para a fidelidade referem-se ao receio que o indivíduo tem da perda da relação e do que nela foi investido, o que é análogo à perda do investimento anterior na relação, que pode ser considerado uma consequência igualmente extrínseca. É curioso que o ciúme emocional esteja ligado

a ambos estes aspetos associados a consequências extrínsecas, embora no primeiro caso estejamos a falar de motivações do parceiro e, no segundo, do participante. Esta associação a uma vertente mais extrínseca, por parte do ciúme emocional, é tornada ainda mais notória pela ausência de efeito na satisfação com a relação e na qualidade das alternativas, bem como pelo facto de não receber efeitos significativos de nenhuma outra faceta das motivações para a fidelidade, para lá das extrínsecas. É legítimo pensar que estas associações do ciúme emocional estejam relacionadas com características da amostra em estudo, notando-se o possível efeito das consequências da fase relacional em que os participantes se encontram, em que a vertente emocional do ciúme passará mais por questões pragmáticas da manutenção da relação e da vida familiar, do que por aspetos da satisfação relacional, como aconteceria se estivessem numa fase inicial da relação. Desta forma, é possível verificar que os resultados vão ao encontro da hipótese *H4*.

4.1. Limitações e futuras direções

Apesar dos contributos do presente estudo, é possível apontar algumas limitações do mesmo. Em primeiro lugar, é importante referir que todas as medidas usadas são de autorrelato. Devido à subjetividade das medidas de autorrelato, é possível que tenha havido alguma desonestidade, bem como respostas aleatórias e, até, perguntas que não tenham sido totalmente compreendidas. Seria interessante que no futuro fossem feitas investigações nesta área com instrumentos de outra natureza.

A amostra em si também pode constituir uma limitação para o estudo, devido ao facto de não ser uma amostra grande ($N = 145$ com dados completos), e de haver alguma falta de diversidade na escolaridade dos participantes (i.e., mais de 50% tem habitações literárias ao nível do ensino superior), o que faz com que a generalização para a população portuguesa no seu conjunto seja questionável.

Outra possível limitação pode estar associada ao facto de o questionário das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade, no fator “Amotivação”, ter um número reduzido de itens (2) a compor o fator. Este número de itens tão reduzido refletiu-se numa consistência interna observada reduzida, ou seja, um baixo valor de alfa de Cronbach. Este fator não apresentou quaisquer efeitos significativos sobre nenhuma variável, possivelmente devido ao baixo valor do alfa, ou ao reduzido número de itens não permitir uma boa representação do construto. Seria interessante que em estudos

futuros o número de itens do questionário relativos a este fator fosse aumentado, de modo a colmatar esta limitação.

Apesar das limitações referidas, acredita-se que o aprimoramento dos questionários do valor enquanto parceiro e das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade feito neste estudo tenha levado a um melhor aproveitamento das suas potencialidades e os tenha tornado mais úteis para a investigação no âmbito do ciúme. É possível que, caso estes questionários sejam ainda mais aperfeiçoados, possam fornecer resultados ainda mais interessantes e mais úteis em estudos futuros. Quanto ao questionário do valor enquanto parceiro, seria interessante avançar para uma avaliação mais multidimensional deste construto. O instrumento utilizado neste estudo é muito global e não permite avaliar as várias facetas do valor enquanto parceiro.

4.2. Conclusão

Ao desenvolver o âmbito da investigação no ciúme, desenvolve-se um conhecimento mais aprofundado sobre este construto, algo muito importante ao nível da intervenção em contexto terapêutico, devido aos seus possíveis resultados catastróficos nas relações interpessoais e não só.

A presente investigação tinha como principal objetivo compreender o papel das conceções pessoais no ciúme e conseguir desenvolver um conhecimento mais aprofundado sobre o ciúme. São apresentadas informações úteis sobre a avaliação das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade, o papel desempenhado pelo estilo de vinculação e pelo valor enquanto parceiro na determinação destas conceções, e qual o impacto das mesmas no ciúme e, posteriormente, na qualidade da relação.

O presente estudo tentou demonstrar a importância que estas conceções pessoais podem ter no ciúme. Em geral, a vertente mais extrínseca das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade está relacionada a uma experiência maior do ciúme (em todas as suas vertentes), e a vertente intrínseca a uma experiência menor do ciúme cognitivo e comportamental.

Variáveis que já foram estudadas anteriormente e demonstraram ter efeito considerável sobre o ciúme apresentaram efeitos completamente mediados pelas conceções pessoais. Isto acontece com os estilos de vinculação e com o valor percebido enquanto parceiro do próprio e do parceiro. O valor percebido do próprio enquanto parceiro e o valor percebido do parceiro enquanto parceiro parecem estar ligados a uma vertente mais intrínseca e, isto vai

fazer com que o ciúme experienciado seja menor. Quanto aos estilos de vinculação, a evitação apresenta efeitos diretos no ciúme emocional, bem como influência positiva nas motivações extrínsecas percebidas do parceiro para a fidelidade e influência negativa nas motivações intrínsecas percebidas. Através do efeito mediado pelas motivações percebidas do parceiro para a fidelidade, a evitação está associada a mais ciúme cognitivo e comportamental. Já a preocupação também parece ter efeitos positivos na percepção de motivações extrínsecas e introjetadas do parceiro para a fidelidade, assim como efeitos negativos nas motivações intrínsecas. Estes efeitos parecem ser um elo que reforça os efeitos diretos positivos da preocupação em todas as facetas do ciúme. Desta forma, podemos concluir que o estilo de vinculação preocupado está associado a um aumento da experiência do ciúme (em todas as suas vertentes).

Quanto ao impacto do ciúme na qualidade da relação, houve resultados surpreendentes, como a ausência de efeito do ciúme comportamental em qualquer variável do modelo do investimento e o efeito positivo do ciúme emocional. Estes resultados inesperados ajudaram a perceber melhor como o ciúme interage com as variáveis que medem a qualidade das relações em diferentes níveis. Foram também encontrados efeitos que são suportados por estudos anteriores, como a relação negativa do ciúme cognitivo com a satisfação com a relação e com o investimento, e o seu efeito positivo na qualidade das alternativas.

Em suma, é possível afirmar, na sequência deste estudo, que as concepções pessoais apresentam um papel importante no estudo e na compreensão do ciúme.

4.3. Implicações Clínicas

Ao nível das implicações clínicas deste estudo, devemos considerar que as motivações percebidas do parceiro para a fidelidade podem potenciar um maior insight face a como o ciúme é percebido e quais as reações perante o mesmo.

As concepções pessoais das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade são um aspeto que pode e deve ser trabalhado com os pacientes, uma vez que demonstrou ter influência no ciúme. Do ponto de vista clínico, existe uma grande importância em aumentar a consciência dos indivíduos em relação ao seu funcionamento. Para isso, deverá proceder-se à consciencialização dos pacientes para as suas concepções acerca das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade, sendo possível ajudá-los a identificar crenças disfuncionais e crenças distorcidas. Seguidamente, poderá promover-se a identificação de outras motivações por parte do parceiro, desafiando as percepções iniciais do paciente e

incentivando percepções diferentes. Isto poderá ajudar o paciente a ter uma visão mais abrangente, não só do parceiro e das suas motivações, como daquilo que impulsiona o próprio a sentir ciúme.

Após a identificação de outros possíveis aspetos nas percepções acerca do parceiro, poderá seguir-se o treino de competências de resolução de problemas, em que o indivíduo desenvolve um repertório de reações emocionais, cognitivas e comportamentais mais adaptativas e que promovam interações positivas com o parceiro e melhor qualidade relacional. Também pode ser útil o trabalho ao nível do treino de competências de regulação emocional, uma vez que o ciúme pode ser potencialmente destrutivo nas relações românticas e isso parece estar associado a uma crença de motivações extrínsecas do parceiro para a fidelidade. Isto pode ser particularmente relevante em casos de ciúme patológico.

Ao intervir com pessoas com estilos de vinculação evitante ou preocupado que tenham problemas relativos ao ciúme, e não sendo possível intervir na modificação do estilo de vinculação, é possível fazê-lo ao nível das motivações percebidas do parceiro para a fidelidade. Neste sentido, seria interessante desafiar as crenças disfuncionais associadas aos modelos internos de funcionamento do paciente e ajudá-lo a desenvolver estratégias e crenças mais adaptativas e saudáveis.

5. Bibliografia

- Ainsworth, M. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46(4), 333–341. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.46.4.333>
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum.
- Almeida, T. D., Rodrigues, K. R. B., & Silva, A. A. D. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 13(1), 83-90.
- Andersson, A. (1994). *Sexual selection*. Princeton University Press.
- Arbuckle, J. L. (2011). *IBM SPSS Amos 20 user's guide*. Amos Development Corporation, SPSS Inc.
- Bauerle, S. Y., Amirkhan, J. H., & Hupka, R. B. (2002). An attribution theory analysis of romantic jealousy. *Motivation and Emotion*, 26(4), 297-319. <https://doi.org/10.1023/A:1022871104307>.
- Bendixen, M., Kennair, L. E. O., & Buss, D. M. (2015). Jealousy: Evidence of strong sex differences using both forced choice and continuous measure paradigms. *Personality and Individual Differences*, 86, 212–216. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.05.035>
- Bevan, J. L. (2008). Experiencing and communicating romantic jealousy: questioning the investment model. *Southern Communication Journal*, 73(1), 42–67. <https://doi.org/10.1080/10417940701815626>
- Bevan, J. L. (2013). *The communication of jealousy*. Peter Lang.
- Birnbaum, G. E., Mizrahi, M., & Reis, H. T. (2019). Fueled by desire: Sexual activation facilitates the enactment of relationship-initiating behaviors. *Journal of Social and Personal Relationships*, 36(10), 3057-3074. <https://doi.org/10.1177/0265407518811667>
- Bowlby, J. (1969), *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment*. Basic Books.

- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation, anxiety, and anger*. Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. 3. Sadness and depression*. Basic Books.
- Brase, G. L., & Guy, E. C. (2004). The demographics of mate value and self-esteem. *Personality and Individual Differences*, 36(2), 471–484. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(03\)00117-X](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(03)00117-X)
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46–76). Guilford Press.
- Brown, W. M., & Moore, C. (2003). Fluctuating asymmetry and romantic jealousy. *Evolution and Human Behavior*, 24(2), 113–117. [https://doi.org/10.1016/S1090-5138\(02\)00148-4](https://doi.org/10.1016/S1090-5138(02)00148-4)
- Buss, D. M. (2000). *The dangerous passion: Why jealousy is as necessary as love and sex*. Free Press.
- Buss, D. M. (2018). Sexual and emotional infidelity: Evolved gender differences in jealousy prove robust and replicable. *Perspectives on Psychological Science*, 13(2), 155–160. <https://doi.org/10.1177/1745691617698225>
- Buston, P. M., & Emlen, S. T. (2003). Cognitive processes underlying human mate choice: The relationship between self-perception and mate preference in Western society. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 100(15), 8805–8810. <https://doi.org/10.1073/pnas.1533220100>
- Buunk, B. (1984). Jealousy as related to attributions for the partner's behavior. *Social Psychology Quarterly*, 47(1), 107–112. <https://doi.org/10.2307/3033894>
- Buunk, B. P. (1995). Sex, self-esteem, dependency and extradyadic sexual experience as related to jealousy responses. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12(1), 147–153. <https://doi.org/10.1177/0265407595121011>
- Buunk, B. P., Angleitner, A., Oubaid, V., & Buss, D. M. (1996). Sex differences in jealousy in evolutionary and cultural perspective: tests from the Netherlands, Germany, and the United States. *Psychological Science*, 7(6), 359–363. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.1996.tb00389.x>
- Cavalcante, A. M. (1997). O ciúme patológico. *Rosa dos Tempos*.

- De Silva, P. (1997). Jealousy in couple relationships: Nature, assessment and therapy. *Behaviour Research and Therapy*, 35 (11), 973–985. [https://doi.org/10.1016/s0005-7967\(97\)00051-x](https://doi.org/10.1016/s0005-7967(97)00051-x)
- Deci, E. L., Nezlek, J., & Sheinman, L. (1981). Characteristics of the rewarder and intrinsic motivation of the rewardee. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40(1), 1–10. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.40.1.1>
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1980). The empirical exploration of intrinsic motivational process. *Advances in Experimental Social Psychology*, 13, 39-80.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. Plenum Press.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2008a). Facilitating optimal motivation and psychological well-being across life's domains. *Canadian Psychology/Psychologie Canadienne*, 49(1), 14–23. <https://doi.org/10.1037/0708-5591.49.1.14>
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2008b). Self-determination theory: A macrotheory of human motivation, development, and health. *Canadian Psychology/Psychologie Canadienne*, 49(3), 182–185. <https://doi.org/10.1037/a0012801>
- Deci, E. L., Vallerand, R. J., Pelletier, L. G., & Ryan, R. M. (1991). Motivation and education: The self-determination perspective. *Educational Psychologist*, 26(3-4), 325–346. https://doi.org/10.1207/s15326985ep2603&4_6
- DeSteno, D., Bartlett, M. Y., Braverman, J., & Salovey, P. (2002). Sex differences in jealousy: Evolutionary mechanism or artifact of measurement? *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(5), 1103–1116. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.83.5.1103>
- DeSteno, D. A., & Salovey, P. (1996). Jealousy and the characteristics of one's rival: A self-evaluation maintenance perspective. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22(9), 920–932. <https://doi.org/10.1177/0146167296229006>
- Dozier, M. (1990). Attachment organization and treatment use for adults with serious psychopathological disorders. *Development and Psychopathology*, 2(1), 47–60. <https://doi.org/10.1017/S0954579400000584>
- Drigotas, S. M., Rusbult, C. E., & Verette, J. (1999). Level of commitment, mutuality of commitment, and couple well-being. *Personal Relationships*, 6(3), 389–409. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1999.tb00199.x>

- Duemmler, S. L., & Kobak, R. (2001). The development of commitment and attachment in dating relationships: Attachment security as relationship construct. *Journal of Adolescence*, 24(3), 401–415. <https://doi.org/10.1006/jado.2001.0406>
- Dugosh, J. W. (2000a). On predicting relationship satisfaction from jealousy: The moderating effects of love. *Current Research in Social Psychology*, 5(17), 254–263.
- Dugosh, J. W. (2000b). On predicting relationship satisfaction: What role does jealousy play? *Current Research in Social Psychology*, 5(17), 254–263
- Edlund, J. E., & Sagarin, B. J. (2014). The mate value scale. *Personality and Individual Differences*, 64, 72–77. <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2014.02.005>
- Etcheverry, P. E., Le, B., Wu, T.-F., & Wei, M. (2013). Attachment and the investment model: Predictors of relationship commitment, maintenance, and persistence. *Personal Relationships*, 20(3), 546–567. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2012.01423.x>
- Fincham, F. D., Beach, S. R., & Baucom, D. H. (1987). Attribution processes in distressed and nondistressed couples: IV. Self–partner attribution differences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(4), 739–748. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.4.739>
- Fitness, J., & Fletcher, G. J. O. (1993). Love, hate, anger, and jealousy in close relationships: A prototype and cognitive appraisal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65(5), 942–958. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.65.5.942>
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132–154. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.4.2.132>
- Gaine, G. S., & La Guardia, J. G. (2009). The unique contributions of motivations to maintain a relationship and motivations toward relational activities to relationship well-being. *Motivation and Emotion*, 33(2), 184–202. <https://doi.org/10.1007/s11031-009-9120-x>
- Gillen, M. M., Collisson, B., Murtagh, M., Browne, B. L., & McCutcheon, L. E. (2016). Additional psychometric data for the Mate Value Scale. *Journal of Relationships Research*, 7, Article e7. <https://doi.org/10.1017/jrr.2016.7>
- Grossberg, S. (1980). How does a brain build a cognitive code? *Psychological Review*, 87(1), 1–51. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.87.1.1>

- Guerrero, L. K., & Eloy, S. V. (1992). Relational satisfaction and jealousy across marital types. *Communication Reports*, 5(1), 23–31. <https://doi.org/10.1080/08934219209367540>
- Guerrero, L. K. (1998). Attachment-style differences in the experience and expression of romantic jealousy. *Personal Relationships*, 5(3), 273–291. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1998.tb00172.x>
- Guerrero, L. K., & Andersen, P. A. (1998). Jealousy experience and expression in romantic relationships. In P. A. Andersen & L. K. Guerrero (Eds.), *Handbook of communication and emotion: Research, theory, applications, and contexts* (pp. 155–188). Academic Press
- Hansen, G. L. (1985). Perceived threats and marital jealousy. *Social Psychology Quarterly*, 48(3), 262–268. <https://doi.org/10.2307/3033686>
- Harris, C. R., & Christenfeld, N. (1996). Gender, jealousy, and reason. *Psychological Science*, 7(6), 364–366. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.1996.tb00390.x>
- Harris, C. R., & Darby, R. S. (2010). Jealousy in adulthood. In S. L. Hart & M. Legerstee (Eds.), *Handbook of jealousy: Theory, research, and multidisciplinary approaches* (pp. 547–571). Wiley Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781444323542.ch23>
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–524. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1–22. https://doi.org/10.1207/s15327965pli0501_1
- Howie, J. M., & Pomiankowski, A. (2018). Mate value. *Encyclopedia of evolutionary psychological science*, 1–8.
- Huelsnitz, C. O., Farrell, A. K., Simpson, J. A., Griskevicius, V., & Szepeswol, O. (2018). Attachment and jealousy: Understanding the dynamic experience of jealousy using the response escalation paradigm. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 44(12), 1664–1680. <https://doi.org/10.1177/0146167218772530>
- Kalish-Weiss, B. I. (1982). Attachment and separation: Major themes in movement therapy with adults. *The Arts in Psychotherapy*, 9(4), 249–257. [https://doi.org/10.1016/0197-4556\(82\)90002-8](https://doi.org/10.1016/0197-4556(82)90002-8)

- Kelley, H. H., & Thibaut, J. W. (1978). *Interpersonal relations: A theory of interdependence*. Wiley.
- Kelly, G. A. (1955). *The Psychology of Personal Constructs: a theory of personality*. Norton & Company.
- Kelly, G. A. (1970). A brief introduction to personal construct theory. *Perspectives in personal construct theory, 1*, 29.
- Kingham, M., & Gordon, H. (2004). Aspects of morbid jealousy. *Advances in Psychiatric Treatment, 10*, 207-215. <https://doi.org/10.1192/apt.10.3.207>
- Knobloch, L. K., Solomon, D. H., & Cruz, M. G. (2001). The role of relationship development and attachment in the experience of romantic jealousy. *Personal Relationships, 8*(2), 205–224. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2001.tb00036.x>
- Kirsner, B. R., Figueredo, A. J., & Jacobs, W. J. (2003). Self, friends, and lovers: Structural relations among Beck Depression Inventory scores and perceived mate values. *Journal of Affective Disorders, 75*(2), 131–148. [https://doi.org/10.1016/S0165-0327\(02\)00048-4](https://doi.org/10.1016/S0165-0327(02)00048-4)
- Kurupparachchi, K. A. L. A., & Seneviratne, A. N. (2011). Organic causation of morbid jealousy. *Asian Journal of Psychiatry, 4*(4), 258-260.
- Leahy, R. L., & Tirch, D. D. (2008). Cognitive behavioral therapy for jealousy. *International Journal of Cognitive Therapy, 1*(1), 18–32. <https://doi.org/10.1680/ijct.2008.1.1.18>
- Leal, A. R. P. (2009). “De pequenino se torce o pepino”: Processos de mediação entre as experiências de infância e as relações de casal. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Levy, K. N., Ellison, W. D., Scott, L. N., & Bernecker, S. L. (2011). Attachment style. *Journal of Clinical Psychology, 67*(2), 193–201. <https://doi.org/10.1002/jclp.20756>
- Lucas, C., Pereira, H., & Esgalhado, G. (2012). Evaluation of Romantic Jealousy: Psychometric Study of the Multidimensional Jealousy Scale for the Portuguese Population. *Psychology, Community & Health, 1*(2), 151-162. <https://doi.org/10.5964/pch.v1i2.26>

- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50(1-2), 66–104. <https://doi.org/10.2307/3333827>
- Massar, K., Buunk, A. P., & Dechesne, M. (2009). Jealousy in the blink of an eye: Jealous reactions following subliminal exposure to rival characteristics. *European Journal of Social Psychology*, 39(5), 768–779. <https://doi.org/10.1002/ejsp.579>
- Mathews, A., & MacLeod, C. (1994). Cognitive approaches to emotion and emotional disorders. *Annual Review of Psychology*, 45, 25–50. <https://doi.org/10.1146/annurev.ps.45.020194.000325>
- Mattingly, B. A., Whitson, D., & Mattingly, M. J. B. (2012). Development of the Romantic Jealousy-Induction Scale and the Motives for Inducing Romantic Jealousy Scale. *Current Psychology: A Journal for Diverse Perspectives on Diverse Psychological Issues*, 31(3), 263–281. <https://doi.org/10.1007/s12144-012-9144-3>
- Marazziti, D., Consoli, G., Albanese, F., Laquidara, E., Baroni, S., & Catena Dell’osso, M. (2010). Romantic attachment and subtypes/dimensions of jealousy. *Clinical Practice and Epidemiology in Mental Health*, 8(1), 53–58. <https://doi.org/10.2174/1745017901006010053>
- Martínez-León, N. C., Peña, J. J., Salazar, H., García, A., & Sierra, J. C. (2017). A systematic review of romantic jealousy in relationships. *Terapia Psicológica*, 35(2), 203–212. <https://doi.org/10.4067/s0718-48082017000200203>
- Meyer, B., & Pilkonis, P. A. (2001). Attachment style. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 38(4), 466–472. <https://doi.org/10.1037/0033-3204.38.4.466>
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1997). A cognitive-relational approach to emotions—the appraisal and coping components of sadness, shame, guilt, jealousy, and disgust. *Imagination, Cognition and Personality*, 16(3), 263–279. <https://doi.org/10.2190/00L2-TL35-6W2Y-E9M1>
- Moreira, J. M. (1999). A razão de erros-padrões: Um critério objectivo para o teste do “cotovelo” na determinação do número de factores na análise em componentes principais. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 34, 111-147.

- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., Oliveira, A. P., Filipe, L. A., & Faustino, M. (2006). “Experiências em Relações Próximas”, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4, 3-27.
- Murray, S. L., Holmes, J. G., & Griffin, D. W. (2000). Self-esteem and the quest for felt security: How perceived regard regulates attachment processes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(3), 478–498. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.78.3.478>
- Murray, S. L., Aloni, M., Holmes, J. G., Derrick, J. L., Stinson, D. A., & Leder, S. (2009a). Fostering partner dependence as trust insurance: The implicit contingencies of the exchange script in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(2), 324–348. <https://doi.org/10.1037/a0012856>
- Murray, S. L., Leder, S., MacGregor, J. C. D., Holmes, J. G., Pinkus, R. T., & Harris, B. (2009b). Becoming irreplaceable: How comparisons to the partner’s alternatives differentially affect low and high self-esteem people. *Journal of Experimental Social Psychology*, 45(6), 1180–1191. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2009.07.001>
- Pfeiffer, S. M., & Wong, P. T. (1989). Multidimensional jealousy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 6(2), 181–196. <https://doi.org/10.1177/026540758900600203>
- Pietromonaco, P. R., Greenwood, D., & Feldman Barrett, L. (2004). Conflict in adult close relationships: An attachment perspective. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research and clinical implications* (pp. 267-299). Guilford.
- Pines, A. M., & Aronson, E. (1983). Antecedents, correlates, and consequences of sexual jealousy. *Journal of Personality*, 51(1), 108–136. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1983.tb00857.x>
- Ponte, J. P. (1992). Concepções dos professores de matemática e processos de formação. *Educação Matemática: Temas de Investigação*.
- Pytlak, M. A., Zerega, L. M., & Houser, M. L. (2015). Jealousy evocation: Understanding commitment, satisfaction, and uncertainty as predictors of jealousy-evoking behaviors. *Communication Quarterly*, 63(3), 310-328. <https://doi.org/10.1080/01463373.2015.1039716>

- Redlick, M. (2016). The green-eyed monster: Mate value, relational uncertainty, and jealousy in romantic relationships. *Personal Relationships*, 23(3), 505–516. <https://doi.org/10.1111/pere.12140>
- Rubin, D.B. (1996). Multiple Imputation After 18+ Years. *Journal of the American Statistical Association*, 91, 473-489.
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16(2), 172–186. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(80\)90007-4](https://doi.org/10.1016/0022-1031(80)90007-4)
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45(1), 101–117. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.45.1.101>
- Caryl, E., Christopher, A., Ximena, A., Kruglanski, H. A., & Tory, E. (2011). The investment model of commitment processes. *Handbook of theories of social psychology*, 4(6), 218-231. <https://doi.org/10.4135/9781446249222.n37>
- Rusbult, C. E., Coolsen, M. K., Kirchner, J. L., & Clarke, J. A. (2006). Commitment. In A. L. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 615–635). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511606632.034>
- Rusbult, C. E., Johnson, D. J., & Morrow, G. D. (1986). Predicting satisfaction and commitment in adult romantic involvements: An assessment of the generalizability of the investment model. *Social Psychology Quarterly*, 49(1), 81–89. <https://doi.org/10.2307/2786859>
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The Investment Model Scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships*, 5(4), 357–391. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x>
- Rydell, R. J., McConnell, A. R., & Bringle, R. G. (2004). Jealousy and commitment: Perceived threat and the effect of relationship alternatives. *Personal Relationships*, 11(4), 451–468. [10.1111/j.1475-6811.2004.00092](https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2004.00092)
- Sable, P. (2008). What is adult attachment? *Clinical Social Work Journal*, 36(1), 21–30. <https://doi.org/10.1007/s10615-007-0110-8>
- Salovey, P., & Rothman, A. J. (1991). Envy and jealousy: Self and society. In P. Salovey (Ed.), *The psychology of jealousy and envy* (pp. 271–286). Guilford Press

- Schmitt, J. (2015). Attribution Theory. *Wiley Encyclopedia of Management*, 1-3.
- Schreiber, J. B., Stage, F. K., King, J., Nora, A., & Barlow, E. A. (2006). Reporting structural equation modeling and confirmatory factor analysis results: A review. *The Journal of Educational Research*, 99(6), 323–337. <https://doi.org/10.3200/JOER.99.6.323-338>
- Seeman, M. V. (2016). Pathological jealousy: an interactive condition. *Psychiatry*, 79(4), 379-388. <https://doi.org/10.1080/00332747.2016.1175838>
- Sharpsteen, D. J. (1995). The effects of relationship and self-esteem threats on the likelihood of romantic jealousy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12(1), 89–101. <https://doi.org/10.1177/0265407595121006>
- Sharpsteen, D. J., & Kirkpatrick, L. A. (1997). Romantic jealousy and adult romantic attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(3), 627–640. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.72.3.627>
- Sheets, V. L., Fredendall, L. L., & Claypool, H. M. (1997). Jealousy evocation, partner reassurance and relationship stability: An exploration of the potential benefits of jealousy. *Evolution and Human Behavior*, 18(6), 387–402. [https://doi.org/10.1016/S1090-5138\(97\)00088-3](https://doi.org/10.1016/S1090-5138(97)00088-3)
- Sidelinger, R. J., & Booth–Butterfield, M. (2007). Mate value discrepancy as predictor of forgiveness and jealousy in romantic relationships. *Communication Quarterly*, 55(2), 207-223. <https://doi.org/10.1080/01463370701290426>
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971–980. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.5.971>
- Starratt, V. G., Weekes-Shackelford, V., & Shackelford, T. K. (2017). Mate value both positively and negatively predicts intentions to commit an infidelity. *Personality and Individual Differences*, 104, 18-22. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.07.028>
- Suhr, D.D. (2006). The Basics of Structural Equation Modeling.
- Thompson, A. E., & O'Sullivan, L. F. (2017). Understanding variations in judgments of infidelity: An application of attribution theory. *Basic and Applied Social Psychology*, 39(5), 262–276. <https://doi.org/10.1080/01973533.2017.1350578>

- Tošić-Radev, M., & Hedrih, V. (2017). Psychometric properties of the Multidimensional Jealousy Scale (MJS) on a Serbian sample. *Psihologija*, 50(4), 521-534.
- Van Rosmalen, L., Van Der Veer, R., & Van Der Horst, F. (2015). Ainsworth's strange situation procedure: The origin of an instrument. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 51(3), 261–284. <https://doi.org/10.1002/jhbs.21729>
- Viegas, T., & Moreira, J. M. (2013). Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(3), 411-418.
- Viegas, T. A., & Moreira, J. M. (2015). Mas porquê? Um estudo multiteórico dos preditores da infidelidade. *Psicologia*, 29(2), 1-16. <http://dx.doi.org/10.17575/rpsicol.v29i2.1006>
- Ward, J., & Voracek, M. (2004). Evolutionary and social cognitive explanations of sex differences in romantic jealousy. *Australian Journal of Psychology*, 56(3), 165–171. <https://doi.org/10.1080/00049530412331283381>
- Weiner, B. (1985). An attributional theory of achievement motivation and emotion. *Psychological Review*, 92(4), 548–573. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.92.4.548>
- White, G. L. (1980). Inducing jealousy: A power perspective. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 6(2), 222–227. <https://doi.org/10.1177/014616728062006>
- White, G. L. (1981). A model of romantic jealousy. *Motivation and Emotion*, 5(4), 295–310. <https://doi.org/10.1007/BF00992549>
- White, G. L. & Mullen, P. E. (1989). *Jealousy: Theory, research, and clinical strategies*. Guilford.
- Zandbergen, D. L., & Brown, S. G. (2015). Culture and gender differences in romantic jealousy. *Personality and Individual Differences*, 72, 122-127.

Anexos

Anexo I: Pedido de Participação

O meu nome é Cláudia Silva e encontro-me neste momento a realizar a minha dissertação de Mestrado, em Psicologia Clínica, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Para tal, gostaria de convidá-lo/a a participar na investigação que estou a realizar nesse âmbito. O objetivo desta investigação é compreender de que forma diferentes conceções pessoais acerca das relações influenciam as reações face ao ciúme. A sua participação no estudo será completamente anónima e voluntária e consistirá em responder a um conjunto de questionários online sobre os seus pensamentos, sentimentos e comportamentos na sua atual relação de casal. Os únicos requerimentos para a participação no presente estudo são ter mais de 18 anos e estar atualmente envolvido numa relação de casal.

Para participar ou obter informação adicional, por favor, aceda ao link:
https://ulfp.qualtrics.com/jfe/form/SV_da2ehsAkHIEJx13

Agradeço desde já a sua colaboração,
Cláudia Silva.

Anexo II: Consentimento Informado

Caro/a participante,

O presente estudo insere-se no âmbito de uma dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, acerca dos sentimentos de ciúme em relações de casal. Esta investigação está a ser desenvolvida por mim, Cláudia Sofia Sebastião Da Silva, aluna da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob orientação do Professor Doutor João Manuel Moreira.

A sua participação no estudo consistirá em responder a um conjunto de questionários online, ao qual apenas terá de responder uma única vez, sobre os seus pensamentos, sentimentos e comportamentos na sua atual relação de casal. A duração esperada de participação é de aproximadamente 20 minutos.

Para participar no estudo **é necessário estar atualmente envolvido numa relação de casal**. Por questões éticas e legais, só poderão responder pessoas com **idade igual ou superior a 18 anos**.

É importante que compreenda que:

1. A sua participação é *completamente voluntária* e não envolve nenhuma remuneração.
2. Pode desistir *em qualquer momento* da sua participação. Porém, a sua participação será de extrema importância, uma vez que facilitará a concretização deste estudo, o avanço no conhecimento científico e a prática da intervenção psicológica.
3. As respostas a todas as perguntas manter-se-ão *anónimas*. Não está incluída nenhuma informação identificável e não haverá possibilidade de identificar a pessoa que respondeu. Apenas os elementos da equipa da investigação terão acesso aos dados recolhidos. Todo o estudo decorrerá segundo os princípios éticos nacionais e internacionais aplicados à investigação em Psicologia e foi aprovado pela comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
4. Não existem desconfortos ou riscos significativos por participar neste estudo. Esta conclusão é baseada na experiência de grande número de estudos com procedimentos idênticos ou semelhantes. Em qualquer caso, se isto se verificar e assim o desejar, poderá ser encaminhado(a) para acompanhamento psicológico (através dos contactos em baixo).

5. Dado que se trata de um trabalho de investigação com dados anónimos, e os questionários utilizados não constituem instrumentos de avaliação psicológica individual, não poderão ser fornecidos resultados ou significados de respostas individuais.

Caso tenha alguma dúvida, questão ou sugestão, ou deseje obter informação, em linguagem não técnica acerca dos resultados do estudo após a sua conclusão, poderá contactar a investigadora responsável, através do email cs9@campus.ul.pt ou o orientador responsável, através do email joao.moreira@campus.ul.pt. Após a entrega da dissertação, esta ficará integralmente disponível no repositório da Universidade de Lisboa (repositorio.ul.pt), caso pretenda consultá-la, bastando pesquisar pelo meu nome.

Pretende-se que responda de forma *espontânea e sincera*, escolhendo a resposta que melhor se aplica a si, não havendo respostas certas ou erradas. Ao prosseguir, garante que tem 18 anos ou mais, concorda com as informações acima referidas e aceita colaborar voluntariamente neste estudo.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Cláudia Sofia Sebastião Da Silva